

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
CURSO DE LETRAS**

MARIA NADINE BATALHA DANTAS

A SECA (EM ALAGOAS) EM REPORTAGENS TELEVISIVAS

Delmiro Gouveia
2020

MARIA NADINE BATALHA DANTAS

A SECA (EM ALAGOAS) EM REPORTAGENS TELEVISIVAS

Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras-Português.

Delmiro Gouveia
2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

D192s Dantas, Maria Nadine Batalha

A seca (em Alagoas) em reportagens televisivas / Maria Nadine Batalha Dantas. – 2021.

90 f. : il.

Orientação: Ismar Inácio dos Santos Filho.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Linguística aplicada. 2. Reportagem televisiva. 3. Seca. 4. Sertão. 5. Alagoas. I. Santos Filho, Ismar Inácio. II. Título.

CDU: 81'276

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito necessário para obtenção do título de Licenciada em Letras.

DATA DE AVALIAÇÃO: 30 /10/ 2020

BANCA EXAMINADORA

Ismar Inácio dos Santos Filho

Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho (UFAL- Campus do Sertão) – Orientador

Thiago Trindade Matias

Prof. Dr. Thiago Trindade Matias (UFAL-Campus do Sertão) – Examinador interno

Mariana Galdino Santana

Prof. Ma. **Mariana Galdino Santana** – Examinadora externa

Dedico este trabalho ao meu xodó, meu querido irmão, Cássio Emanuel, que é a maior prova do milagre de Deus em nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

A Deus e à Nossa Senhora, por ter me concedido muita fortaleza e sabedoria durante o percurso de construção do trabalho – acredito na mística que há entre o humano e o divino.

Agradeço à minha família, tão presente nessa jornada: meu pai, Cícero Manoel, minha mãe, Maria da Saúde, minhas irmãs, Maria Jaine e Maria Daiane, e meu irmão, Cássio Emanuel.

Ao meu namorado Luíz Henrique.

À(o)s amiga(o)s que fiz no Campus do Sertão (UFAL) e que levarei em mente e coração (Sim, estão inclusa(o)s toda(o)s vocês, mas, em especial, Juliana, Vanessa, Geovâneo, Herlanne, Joel, Saul, Ricardo e Luana).

Aos meus colegas e amiga(o)s de trabalho: Juliene, Daiane, Emonaisa, Aline, Grece, Alberto, Eliane, Allison e Edivaldo.

A toda(o)s os professores e as professoras do curso de Letras-Português (UFAL-Campus do Sertão), que por meio de tantas discussões durante minha trajetória na graduação me propuseram um leque de conhecimentos, ampliando minha visão sobre a vida.

Ao Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões no Sertão Alagoano (GELASAL), coordenado pelo Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, em especial às minhas amigas do Grupo, tão companheiras: Beatriz, Dayana Sanderay, Maria da Saúde e Rakel Teodoro.

Ao meu querido orientador, professor Doutor Ismar Inácio dos Santos Filho, que me fez descobrir, (des)construir e (re)aprender coisas que jamais pensei em conhecer.

RESUMO

A partir da minha participação como colaboradora no Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), por meio do Grupo de Estudo em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL), desenvolvi este trabalho de conclusão de curso, que objetiva discutir acerca da construção da seca em reportagens televisivas e, para isso, fazer uma análise enunciativo-discursiva nesses textos, procedimento metodológico que se deu pautado na “etnolinguística da fala viva” (BAHKTIN/VOLOCHINOV (1929 [2006])). Nesse estudo, interpretamos como o fenômeno climático “seca” (MOLION, 2016) é construído em três reportagens televisivas, uma da Gazeta de Alagoas, outra do portal de notícias TNH1 e a última do Jornal Nacional (TV Globo), que constituem o *corpus*, e com que propósito essa construção discursiva ocorre. Na leitura das reportagens, questionamo-nos como a mídia tem poder de construir por meio da língua(gem) significados em prol de sentidos que quer alcançar. Inferimos que o gênero discursivo analisado se utiliza de determinados recursos verbais e não verbais, por meio da semiótica e da sintaxe televisiva, para forjar significados sobre o fenômeno climático “seca”, que passa a ser também um fenômeno discursivo. Portanto, ao investigar tais aspectos nas reportagens televisivas, observamos que o discurso da “seca” parte de uma estigmatização e estereótipo acerca do semiárido da região Sertão/Nordeste; a “seca” é construída/pensada nas reportagens por uma elite que objetiva perpetuar o discurso da “seca” como enfrentamento, o que inibe a elaboração de políticas públicas de convívio com o semiárido; além disso, observamos que a seca é construída nas reportagens como problema natural, que depois se torna social, ao invés de ser vista como dado climático da região semiárida do Sertão nordestino. As reportagens analisadas se pautam/fortalecem no/o discurso regionalista do início do século XX. Esse estudo está filiado à Linguística Aplicada, que por seu caráter indisciplinar e transdisciplinar (MOITA LOPES, 2004), permite a mobilização de conhecimentos de outras áreas de saber, tais como a História e a Geografia, por exemplo, não ficando a pesquisa “presa” a um modo disciplinar, mas se valendo de outros saberes para produzir inteligibilidade social. Como base teórica, dialogamos com Albuquerque Jr. (2011; 2014; 2017), Bakhtin/Volochínov (1929; 2006), Bazerman (2015), Molion (2016), Moita Lopes (2006; 2013), Bortoni Ricardo (2008), Santos Filho (2012; 2017), entre outros.

Palavras-chave: Seca. Reportagem televisiva. Linguística Aplicada.

ABSTRACT

From my participation as a collaborator in the Scientific Initiation Scholarship Institutional Program (PIBIC), through the Study Group on Applied Linguistics in Questions in the Sertão Alagoano (GELASAL), I developed this final coursework, which aims to discuss the construction of drought in television reports. To achieve this, I conducted an enunciative-discursive analysis in these texts, which is a methodological procedure that is based on “Ethnolinguistics of living speech” (BAHK TIN/VOLOCHINOV (1929 [2006])). In this study, we interpreted the “drought” climatic phenomenon (MOLION, 2016); it is built on three television reports, one from Gazeta de Alagoas, another from TNH1 news portal, and the last one from Jornal Nacional (TV Globo). This phenomenon states what the corpus constitutes, and also describes the purpose for why this discursive construction occurs. While we were reading the reports, we asked ourselves how the media has the power to build itself through language meanings in favor of the senses it wants to reach. We infer that the discourse genre analyzed uses certain verbal and non-verbal resources, through semiotics and television syntax, to forge meanings about the “drought” climatic phenomenon, which also becomes a discursive phenomenon. Therefore, when investigating such aspects in television reports, we observe that the “drought” discourse starts from stigmatization and stereotype about the semi-arid region of the Sertão / Nordeste; the “drought” is constructed/conceptualized in the reports by an elite that aims to perpetuate the “drought” discourse as a confrontation, which inhibits the elaboration of public policies of living with the semi-arid; in addition, we observe that the drought is built in the reports as a natural problem, after it's perceived as something natural, it becomes social, instead of being seen as climatic data of the semi-arid region of Northeastern Sertão. The analyzed reports are based/strengthened in the regionalist discourse of the beginning of the 20th century. This study is affiliated with Applied Linguistics, which, due to its interdisciplinary and transdisciplinary character (MOITA LOPES, 2004), it allows the mobilization of knowledge from other areas of knowledge, such as History and Geography; for example, research is not “stuck” in a disciplinary way, but rather draws upon other knowledge to produce social intelligibility. As a theoretical basis, we spoke with Albuquerque Jr. (2011; 2014; 2017), Bakhtin/Volochínov (1929; 2006), Bazerman (2015), Molion (2016), Moita Lopes (2006; 2013), Bortoni Ricardo (2008), Santos Filho (2012; 2017), between others.

Keywords: Drought. Television report. Applied Linguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Região Nordeste do Brasil.....	28
Figura 02. Zonas térmicas do planeta terra.....	29
Figura 03. Mapa das secas no Nordeste em abril de 2018.....	33
Figura 04. Reportagem 01: “A pior seca dos últimos 50 anos”.....	45
Figura 05. Reportagem 01: “Cena com gado”.....	46
Figura 06. Reportagem 01: “O carro de boi”.....	47
Figura 07. Reportagem 01: “O burro e tambor d’água”.....	47
Figura 08. Reportagem 01: “Associação de leiteiros”.....	48
Figura 09. Reportagem 01: “Armazenagem de leite”.....	48
Figura 10. Mapa do Monitor de Secas em abril e maio/2017.....	50
Figura 11. Mapa do Monitor de secas em maio/2017.....	51
Figura 12. Mapa do Monitor de secas em junho/2017.....	52
Figura 13. Mapa do Monitor de Secas maio e junho/2017.....	52
Figura 14. Reportagem 02: “Paisagem da vegetação”.....	56
Figura 15. Reportagem 02: “Cena com gado próximo ao cocho”.....	56
Figura 16. Reportagem 02: “Gados comendo palma”.....	57
Figura 17. Reportagem 02: “Animais comendo palma no cocho”.....	57
Figura 18. Reportagem 02: “Produtores do Sertão de Alagoas procuram alternativas em meio a seca”.....	58
Figura 19. Reportagem 02: “Imagem com rio”.....	58
Figura 20. Monitor de Secas.....	59
Figura 21. Tabela: Monitor de Secas.....	60
Figura 22. Reportagem: “Imagem mostrando a vegetação”.....	61
Figura 23. Mapa das Sub-regiões do Nordeste.....	62
Figura 24. Reportagem 03: “Um século depois, o drama da seca, retratado no livro ‘O Quinze’, se repete no Ceará”.....	65
Figura 25. Reportagem 03: “Casa de Raquel de Queiroz”.....	67
Figura 26. Reportagem 03: “O Quinze: travessia”.....	69
Figura 27. Reportagem 03: “Cena aberta da vegetação”.....	71
Figura 28. Reportagem 03: “Imagem da terra rachada”.....	79
Figura 29. Reportagem: “Imagem de Mandacaru”.....	80
Figura 30. Reportagem 03: “Imagem de homem deitado no chão”.....	81

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01	100
INTRODUÇÃO	100
CAPÍTULO 02	15
A LINGUÍSTICA APLICADA SOB OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DE MOITA LOPES E OUTROS TEÓRICOS	15
2.1 Para início de pesquisa	15
2.2 O que é pesquisar em Linguística Aplicada?.....	17
2.3 Discursos na Linguística Aplicada: uma reflexão sobre a construção da “periferia” Nordeste.....	21
2.4 A seca: o sujeito, a causa e o objeto.....	24
CAPÍTULO 03	26
A NOÇÃO DE SECA DO NORDESTE: UM PROBLEMA SOCIAL OU FENÔMENO CLIMÁTICO?	26
3.1 Refletindo sobre o fenômeno climático seca – sua configuração no Sertão/Nordeste.....	27
3.2 A seca e suas políticas: enfrentar ou conviver?.....	31
CAPÍTULO 04	36
A SECA EM REPORTAGENS TELEVISIVAS: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVO-DISCURSIVA	36
4.1 A mídia e sua astúcia: refletindo sobre o gênero discursivo “reportagem televisiva”	36
4.2 O corpus em cena.....	43
4.2.1 “A pior seca dos últimos 50 anos”.....	44
4.2.2 “Produtores do Sertão de Alagoas procuram alternativas em meio à seca”	55
4.2.3 “Um século depois, o drama da seca, retratado no livro ‘O Quinze’ se repete no Ceará”	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	87

CAPÍTULO 01 INTRODUÇÃO

O interesse por pesquisar na área da Linguística Aplicada (doravante LA) surgiu por meio do contato com uma disciplina, de mesmo nome da área, da grade curricular do curso de Letras-Português, UFAL, Campus do Sertão, ministrada pelo Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho. A partir dessas aulas, fui me atraindo pela área, justamente por ela permitir que a pesquisa seja desenvolvida por meio de uma abordagem interpretativista, aquela que busca entender/interpretar os fenômenos sociais por meio da linguagem, considerando-os em um contexto, possibilitando, dessa maneira, uma análise qualitativa dos dados, sem generalizar os resultados sobre o objeto estudado. Para mim, essa é uma possibilidade inovadora em fazer pesquisa, diferentemente da abordagem cartesiano-positivista, que generaliza os dados, quantificando-os.

Assim, a cada novo dia nos estudos em LA, fui percebendo que apreciava ainda mais as discussões que ocorriam durante aquelas aulas, visto que essa área possibilita que sejam realizados estudos voltados à língua em uso, de cunho social, atrelados à realidade dos sujeitos, possíveis por análise enunciativo-discursiva, em que o texto é compreendido com dialogicidades e “intencionalidades”. Essa é a abordagem epistemológica e metodológica que conduz as reflexões sobre meu objeto de pesquisa. Desse modo, demonstrando interesse em pesquisar na área, recebi o convite pelo coordenador para participar como colaboradora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), em projeto vinculado ao Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões no Sertão Alagoano (GELASAL).

Esse projeto do PIBIC do ciclo 2017-2018 trouxe discussões semelhantes às que apresento neste trabalho. Dentre alguns dos objetivos, elenco: a) compreender o discurso da seca em reportagens, b) compreender a leitura em perspectiva transversal, pelo viés enunciativo, e c) situar historicamente a invenção discursiva do Nordeste/Sertão. Nesse, como plano de trabalho assumi uma pesquisa em perspectiva indisciplinar, mestiça, com quadros conceituais híbridos, tanto em teoria quanto em metodologia, assumindo a “etnolinguística da fala viva” como metodologia de “geração” e análises dos dados.

Nessa perspectiva, esse estudo é “etnográfico”, ou melhor “etnolinguístico”, por construir dados em contextos reais, que levam ao aprofundamento do conhecimento da cultura de um povo ou de uma realidade social, no sentido de buscar reportagens televisivas em jornais para pensar que discurso sobre a “seca” é construído e com que propósitos. Para isso, o estudo sobre os conceitos de seca e de reportagem é de fundamental importância. Nesse

projeto, fui obtendo arcabouço teórico e aprendendo as bases de análise para o desenvolvimento deste trabalho.

Fazendo um retorno às origens da minha vida acadêmica, por volta do final de 2013, quando terminei o Ensino Médio, fiz o ENEM e entrei na UFAL, já existia em mim esse desejo de realizar uma pesquisa na Universidade que colaborasse com a (des)construção de conceitos sobre a região em que moro. Logo, como nordestina, alagoana, sertaneja e delmirense, senti-me motivada a desenvolver essa pesquisa, pois, além da satisfação, é empolgante poder falar sobre a minha região, e tratar de temáticas tão relevantes como a seca enquanto objeto de discurso de estigmatização da região Nordeste/Sertão, estereótipo do sujeito nordestino/sertanejo e discurso regionalista, entre outros.

Assim, por meio desta pesquisa, pude perceber o quanto se faz necessária essa discussão, pois já não é mais possível permitir discursos que tratem a “seca” como problema social do Sertão/Nordeste. Ademais, o fenômeno climático “seca” é desconectado do social e do histórico, sendo apenas tratado como consequência climática da região nordestina que afeta socialmente e historicamente os habitantes, mantendo esse discurso estereotipado. Entretanto, a seca é fenômeno climático do semiárido nordestino, portanto, natural dessa região, o que instiga à necessidade de políticas públicas de convivência com ela.

Por isso, a necessidade em situar esse trabalho na área epistemológica da LA, que possibilita desenvolvê-lo por uma perspectiva interdisciplinar/transdisciplinar (MOITA LOPES, 2006), abordagem que permite que outras áreas de saber sejam articuladas, não havendo um viés único, disciplinar, para o seu desenvolvimento, visto que várias disciplinas colaboram para a construção do conhecimento.

A esse respeito, em Morin (2003), a disciplina é uma categoria organizada dentro de um conhecimento científico, por meio das universidades modernas, que nasce quando algo na sociedade está acontecendo, a fim de realizar uma investigação a seu respeito. O caráter disciplinar tende a ser autônomo pela delimitação das fronteiras, isto é, para o campo disciplinar, o conhecimento produzido em determinada disciplina apenas pertence a ela, não havendo diálogo com outras, pois é impedido pelas fronteiras estabelecidas.

Para a LA, é trazido o conceito de policompetência, enfatizando que para dar conta do objeto de estudo é necessário adentrar em outros campos de saber, quebrar as fronteiras para produzir saber e inteligibilidade social, fato que ocorre por meio do estudo de práticas discursivas que interpretam as práticas sociais. Portanto, o objeto da LA é múltiplo e complexo (SIGNORINI, 1998): as práticas de linguagens manifestadas em gêneros discursivos. Assim, a análise está embasada em estudos aplicados de leitura/escrita e discurso.

Essa pesquisa visa, dessa maneira, compreender enunciativo-discursivamente como a seca é construída em textos da esfera jornalística, especificamente em reportagens, buscando interpretar tal discurso, inferindo as políticas públicas que são realizadas no semiárido, de modo geral, ou no alagoano, de modo específico, entendendo a interação entre as práticas discursivas e práticas sociais e como essas afetam os sujeitos, de modo a ser aceita por nordestinos e nordestinas a perpetuação de um discurso por uma estereotipia.

Logo, questiono se as atividades desenvolvidas pelo Estado são de enfrentamento ou convivência com a “seca”, visto que a expressão “seca no Sertão” é pleonástica, como diz Molion (2016), pois falar de seca no sertão é um enunciado com informações repetidas, já que seca está para sertão, e vice-versa. Esse pesquisador entende a seca como um fenômeno climático, sendo necessárias políticas públicas de convivência com ela, pois é um acontecimento natural dessa região semiárida.

Por isso, trago também discussões embasadas em Albuquerque Jr (2011; 2014; 2017), que também entende a seca como *déficit hídrico*; por isso, discuto o que Albuquerque Jr (2011) chama de “invenção do Nordeste”, enfatizando que essa região foi construída na primeira década do século XX, através de em um conjunto de imagens: o jagunço, o beato, o coronel, o cangaceiro, personagens temáticos que construíram/constroem o imaginário dessa região, que é produzida nas artes e demais práticas discursivas, em que foram e são permanentemente atualizadas e mantidas, com isso, ressignificadas ao longo do século XX até nossa contemporaneidade.

Esse historiador aborda que a seca funcionou como recurso das elites nortistas para conseguir cargo, verba e investimento para essa região, no intuito de sempre perpetuar a seca como problema social, porque só assim ela daria lucros, sendo esse discurso mantido por meio da configuração de práticas discursivas, quando se perpetua o discurso de seca como castigadora e vilã, e que somente ela é o que causa tanto sofrimento para o(a)s nordestino(a)s.

Nesse estudo, como *corpus*, utilizo 03 (três) reportagens televisivas, 01 (uma) exibida pela Gazeta de Alagoas, no ALTV 2ª edição, em 2017, outra transmitida pelo programa Alagoas Rural, pelo portal de notícias TNH1, e outra reportagem que faz parte de uma série especial elaborada pela Rede Globo, tendo como referência a obra literária “O Quinze”, de Rachel de Queiroz, sendo exibida no Jornal Nacional, em 2015. Ambas tratam sobre o fenômeno climático seca.

Para esse estudo, o procedimento de análise do *corpus* ocorre por meio da leitura enunciativo-discursiva, embasada nas ideias de Mikhail Bakhtin e Valentin Volochinov (2004 [1929]). Nessa, compreendo que a reportagem é um gênero discursivo que busca informar

telespectadores ou leitores do jornal. Conforme Charaudeau (2006), podemos entender que as reportagens, como gênero midiático, são obstinação de poder que manipulam a si mesmo, não transmitindo o que ocorre na realidade social, mas construindo uma suposta representação que acaba tomando o lugar de “realidade”, já que não existe uma verdade dada, e sim uma construção de sentidos.

Acerca dessa pesquisa, entendo que meu trabalho é relevante para os estudos acadêmicos, pois investiga os sujeitos do discurso, o “eu” e o “outro”, e os significados que são usados para construir o sentido desejado pelos sujeitos enunciativos. Desse modo, tem por base uma leitura enunciativo-discursiva, a partir das ideias de Bakhtin/Volochinov (1929;2004) e Santos Filho (2012), que permite que sejam tratadas questões que tenham como objeto de estudo a “seca” em evidência nos gêneros discursivos. Além disso, contribui também para minha área de estudos, qual seja, Linguística Aplicada, com caráter indisciplinar e transdisciplinar, no paradigma interpretativista, com interesse em realizar uma pesquisa de cunho qualitativo. No aspecto antropológico, a pesquisa trata de um contexto social de cunho político e ideológico, envolvendo o(a)s sertanejo(a)s alagoano(a)s.

Quero explicitar também o motivo pelo qual escrevo este trabalho na 1ª pessoa do singular, e também 1ª pessoa do plural, pois a pesquisa é desenvolvida por mim, mas também conta com a orientação do prof. Dr. Ismar Inácio, além do que no exercício de desenvolvimento desta pesquisa sinto que posso representar uma parcela de sujeitos que, assim como eu, são também sertanejo(a)s e nordestino(a)s discriminado(a)s por uma elite que visa interesses políticos, sociais e ideológicos. Além disso, há uma gama de trabalhos desenvolvidos em LA com essa característica, e isso se tornou quase uma característica formal assumida nas pesquisas dessa vertente transdisciplinar.

O capítulo que segue, o segundo capítulo desse estudo, trata sobre a vertente teórica da LA, fazendo uma reflexão e discutindo sua historicidade por meio dos pressupostos teóricos de Moita Lopes (1994; 1996; 2004; 2006; 2010; 2017); Bortoni-Ricardo (2008); Signorini (1998); Morin (2003); Carvalho (2010); Santos Filho (2012; 2017) e Rojo e Barbosa (2015), dentre outros, enfatizando a importância dos estudos linguísticos contemporâneos que são desenvolvidos nessa área indisciplinar e transdisciplinar.

No terceiro capítulo, faço uma abordagem sobre que noção de “seca” existe e se ela é objeto de construção de um discurso cujo objetivo pode ser estigmatizar o Sertão nordestino para ganhar recursos financeiros. Para isso, dialogamos com Albuquerque Jr (2011; 2014; 2017) e Molion (2016), dentre outros. O quarto capítulo apresenta a análise enunciativo-

discursiva do *corpus* em destaque. Além dos teóricos já citados, também busco respaldos nos estudos de Bazerman (2015), Brait (2005), Bakhtin (2016), entre outros.

CAPÍTULO 02

A LINGUÍSTICA APLICADA SOB OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DE MOITA LOPES E OUTROS TEÓRICOS

"[...] é tempo de repensar os percursos epistemológicos que têm nos orientado" (MOITA LOPES, 2004, p. 16).

Este capítulo tem o objetivo de tratar sobre a LA e seu modo de investigação da linguagem, tendo a referência de diversos teóricos que contribuem para a pesquisa nessa área linguística, tais como Rojo e Barbosa (2015), Beth Brait (2005), Morin (2003), Bortoni Ricardo (2008) e Santos Filho (2012; 2017), e em especial Moita Lopes (1994, 1996, 2004, 2006, 2010).

Com efeito, a princípio, são vistos estudos linguísticos que ocorreram antes da LA, tal como o estruturalismo, em Saussure, pois é por meio de sua epistemologia que a Linguística nasce como ciência, desencadeando outras vertentes epistemológicas da linguagem, como a LA, que é o foco deste capítulo. Logo após, uma discussão com Moita Lopes e Baynham (2017) sobre as “vozes da modernidade”, por meio de uma reflexão sobre os discursos de “periferia” e “centro”, estabelecendo, aqui, relação com os discursos emergentes e os discursos normativos construídos no e sobre o Nordeste, em diálogos com Albuquerque Jr (2011, 2017).

No último subtópico deste capítulo, cito o objeto de pesquisa: a “seca”, tentando entender sua complexidade, estudando por meio das reflexões de Signorini (1998) e, dos estudos de Charaudeau (2006), a esfera jornalística.

2.1 Para início de pesquisa...

Realizar estudos linguísticos é buscar entender o processo em que o falante usa o poder da linguagem em suas práticas sociais. Seguindo esse raciocínio, é perceptível que a sociedade contemporânea possui práticas discursivas que para sua compreensão necessitam de novos modos de se fazer pesquisa, pois, como disse Moita Lopes (2004, p. 5), “é tempo de dialogar com esse novo mundo”, visto que não é mais viável realizar estudos linguísticos com percursos epistemológicos que não satisfazem mais às necessidades da sociedade atual.

Para isso, Moita Lopes (2004) cita que a LA é tratada em seus estudos como a “nova” linguística, pois desarticula os modos tradicionais de se fazer pesquisa em linguagem, e mais ainda no campo da Linguística Aplicada. Moita Lopes (2004) ainda enfatiza que muitos

continuam a viver as tradições em que foram educados, o que torna difícil a capacidade de reinvenção, o que é algo crucial no mundo da pesquisa.

Assim, os estudos desse teórico tratam de trabalhar com uma linguística que se volte para a prática discursiva, trazendo discussões relevantes sobre gêneros discursivos, por exemplo. Essa linguística é a Linguística Aplicada, que tem como objeto a linguagem em uso, questionando e estudando os usos como práticas discursivas, tais como em *outdoor*, reportagem, notícia, artigo, propaganda, crônica, dentre outros tantos gêneros discursivos, para entender a vida, para entender as práticas sociais.

Entretanto, para entender como ocorre o processo de investigação desse campo linguístico, é necessário compreender correntes epistemológicas anteriores, como a Linguística Moderna, de Ferdinand de Saussure, entendendo que, como cita Santos Filho (2012, p. 79), “[...] a ciência se faz pela luta dos posicionamentos epistemológicos, o que gera releituras e deslocamentos dos saberes propostos anteriormente.”

Dos estudos epistemológicos estruturais, que surgiram com Saussure, por meio de sua obra póstuma “Curso de Linguística Geral” (CLG), que foi elaborada por seus alunos por meio das anotações de aulas desse linguista, compreendemos que a Linguística Moderna é uma ciência que tem como objeto a língua, entendida como um sistema linguístico. Ao dividir seus estudos em dicotomias, a exemplo de língua e fala, destacando a “língua”, tendo uma postura teórica e metodológica, estudando a língua em si e por si (SANTOS FILHO, 2017), é compreendido que se deve ir ao sistema linguístico, verificando os elementos, que são denominados como signos linguísticos, que são conectados uns com os outros, o conceito e sua imagem acústica, que é uma impressão psíquica (CARVALHO, 2010).

No Estruturalismo de Saussure, vai se observar os elementos linguísticos e os arranjos constituintes, o que resulta na descrição da estrutura linguística. Nessa abordagem, a língua é compreendida como fenômeno psíquico, entendido como fato social. É um processo inconsciente que há no cérebro dos falantes. E a fala é esse resultado do ponto de partida em processamento (SANTOS FILHO, 2017). Logo, é física e fisiológica, já que parte do funcionamento dos órgãos vocais, ocorrendo, logicamente, antes o processamento da língua, que é psíquico.

Para realizar seus estudos, Saussure tinha como metodologia uma postura cartesiano-positivista, aquela em que se realiza uma pesquisa quantitativa dos dados, tendo como interesse maior generalizá-los, pois só assim teria resultados concretos sem questionamentos, até mesmo porque as Ciências Naturais utilizavam esse modelo de ciência, que também acolheram a ideia. Porém, o problema é que ambas, Ciências Naturais e Sociais, não possuem

o mesmo objeto de pesquisa, fato que nos possibilita questionar esse modelo quando é voltado ao desenvolvimento de pesquisa para a área da linguagem. Santos Filho (2017) argumenta: “[...] prefiro compreender que Saussure não foi, e não é, estritamente estruturalista, mas optou por uma abordagem estruturalista, fazendo jus aos parâmetros de ciência de sua época, cartesiano-positivista.” Assim, Saussure realizava suas pesquisas conforme o que lhe era possível na sua época.

Desses questionamentos, outros posicionamentos epistemológicos linguísticos foram sendo discutidos e estudados, a fim de pensar o processo de língua(gem) em uso, e problematizá-lo. Para isso, a LA traz esse caráter que possibilita realizar uma pesquisa que faça sentido ao nosso tempo, como afirma Moita Lopes (2013). Desse modo, é crucial compreendermos como a LA pesquisa a língua(gem).

2.2 O que é pesquisar em Linguística Aplicada?

Inicialmente, os estudos em LA eram tratados por linguistas que identificavam essa pesquisa apenas como secundária em relação à pesquisa principal que realizavam. A LA era interpretada como meio de entender processos linguísticos, principalmente em línguas estrangeiras. Assim, começou nos anos de 1940, com o interesse em desenvolver materiais para o ensino de línguas (MOITA LOPES, 2010). Essa área se iniciou como resultado dos avanços da linguística enquanto ciência no século XX, constituindo-se como estudo científico de línguas estrangeiras, como o inglês. Esse foco de interesse secundarizou-se, e a tradução de línguas passou a ser o alvo, a partir de 1960.

A princípio, a ideia era a descrição de línguas, usando os princípios do estruturalismo, segundo Moita Lopes (2010) informa. Depois, estudos de Widdowson, conhecido como um dos primeiros linguistas aplicados a desenvolver uma pesquisa com caráter mais linguístico do que se focalizava no estudo de línguas estrangeiras, permitiram que, conforme Moita Lopes (2010) explica, fosse discutida a LA como mediadora entre os conhecimentos que são necessários para o processo de ensino e aprendizagem e o objeto de investigação que passa a ser construído com base em teorias de outras áreas de conhecimento para a compreensão de novos caminhos que a LA toma. Mas, na década de 1990, o que antes era a “Aplicação da Linguística”, tornou-se “Linguística Aplicada”, no sentido de que ela própria cria seus percursos epistemológicos baseando-se na interdisciplinaridade (MOITA LOPES, 2006).

Moita Lopes (2006) argumenta que a LA é vista por linguistas de outras áreas como a “outra linguística”, numa tentativa de enfatizar o que seria ou não linguística, pois o

campo da LA é tomado como complexo por esses teóricos. A grande questão é a validação que a pesquisa em LA permite. Ao contrário de outras vertentes linguísticas, a LA possibilita que sejam investigados os “centros” e as “periferias” sociais, problematizando situações que envolvem discursos emergentes ou não, envolvendo sujeitos marginalizados.

Além disso, a LA se propõe em oposição à construção de uma verdade dada e a cristalização da vida. Nesse sentido, interessa-se em entender o processo pelo qual os “colonizados” pelas “vozes da modernidade” (MOITA LOPES e BAYNHAM, 2017) são estereotipados, a partir da definição do que seria “puro”, dentro da “norma”, e o que seria “falho”, visto como um “desvio da norma”. Aqui, as “vozes da modernidade” são as das elites colonizadoras, que não reconhecem o outro enquanto sujeito, porque o “outro” é diferente (não segue a norma determinada pela elite). Por isso, é apagado e/ou desmerecido.

Como o seu objeto de estudo é a linguagem manifestada em práticas discursivas, a LA também vai refletir sobre os aspectos linguísticos dos falantes, analisando as práticas discursivas e interpretando as práticas sociais que são efetuadas pelas funções sociais dos gêneros discursivos. A esse respeito, Moita Lopes (1996) diz que são necessárias discussões sobre a área de investigação e pesquisa da LA e que há um número relevante de pesquisadores aplicados. Para tal, o autor apresenta paradigmas que direcionam os cientistas sociais sobre o processo de investigação da área. Para ele, essa área, que é de natureza aplicada em ciências sociais, tem como foco “problemas” de uso da linguagem que são protagonizados pelos sujeitos dos contextos sociais, os usuários da língua.

Desse modo, seu interesse é na interação linguística. É uma área interdisciplinar e mediadora (MOITA LOPES, 1996), entre conhecimentos que vêm de várias disciplinas, tais como Geografia e História, por exemplo. Com isso, possibilita formular seus próprios modelos teóricos, que servem para colaborar em seu campo de atuação e também de outras áreas de conhecimento. Para seu processo de pesquisa, a LA permite que dois modos de fazer ciência (MOITA LOPES, 1994) sejam usados na realização da pesquisa, o paradigma cartesiano-positivista, no qual os resultados obtidos são padronizados, e tratados estatisticamente, para generalizar, e o interpretativista, no qual os significados são interpretados e qualificados. No entanto, atualmente, sua natureza epistemológica é fundamentalmente de base interpretativista. Porém, alguns linguistas fogem dessa natureza e retornam aos paradigmas anteriores.

Assim, o modo interpretativista é a maneira mais inovadora de produzir conhecimento nas Ciências Sociais, pois seu objeto de investigação, a linguagem, é mais diverso do que o objeto das Ciências Naturais, em que o uso do modelo cartesiano-positivista é mais frequente.

Essa ideia parte da noção de que o método cartesiano-positivista é mais privilegiado, por isso não é questionado. Mas, é pelo modo interpretativista que há uma inovação no modo de fazer pesquisa, devido a esse se basear de maneira diferente. Ou seja, ao ter a linguagem como objeto soaria “inadequado” usar os mesmos procedimentos que são usados nas Ciências Naturais. Logo, cabe ao olhar do pesquisador mudar o trato metodológico do seu objeto, a partir da análise que ele quer realizar.

A respeito desses postulados epistemológicos, Bortoni-Ricardo (2008) enfatiza que o modelo cartesiano-positivista é privilegiado por questões analíticas e a relação linear entre os fenômenos. Porém, a ciência interpretativista supera a razão dialética e busca interpretar os significados culturais. Explica que Francis Bacon e René Descartes foram intelectuais precursores dessa primeira tradição científica. Segundo a linguista, cada um trouxe sua contribuição, mas que foi Bacon que, por ser aristotélico e empirista, permitiu que sua visão fosse mais observada para os fins científicos. É a partir dele que surge a ideia de indução e observação do objeto. Desse modo, o paradigma cartesiano-positivista compreende que a realidade é apreendida por meio da observação empírica, ocorrendo pela via da indução, em que o que for regular torna-se observável; há, assim, o trabalho com o hipotético-dedutivo.

Ainda falando sobre o paradigma cartesiano-positivista, há alguns postulados que devem ser entendidos para a compreensão desse modelo científico. Segundo Bortoni-Ricardo (2018), esse é de caráter sensível, sendo considerado tudo o que pode ser sentido. Logo, alguns instrumentos auxiliam nessa percepção, como o telescópio, a radiografia, entre outros. A certeza metódica também é postulada. Métodos rigorosos e sistemáticos são necessários nesse modo investigativo de ciência e deve haver um distanciamento entre o objeto de pesquisa e seu pesquisador, que se mantém distante para não corromper seu objeto e consequentemente sua pesquisa não obter os resultados que se espera, já que nesse modo científico há a análise do problema e a criação de hipóteses, além da investigação da relação causa e consequência, que é útil para quantificar.

Sobre o modo interpretativista, Bortoni-Ricardo (2008) enfatiza que um dos seus princípios é o de que a sociedade humana não é um fato ou acontecimento do mundo exterior, a fim de ser observado como um fenômeno natural. Por isso, esse paradigma é mais “inovador” e surge como uma alternativa ao positivismo, pois não há como observar o mundo fora das práticas sociais. De acordo com essa linguista, o pesquisador compreende esse modo interpretativista em seus próprios significados, pois ele não é passivo, e sim um ser ativo na sua pesquisa. Nesse modelo epistemológico, a ciência permite e possibilita que o cientista

social se aproxime do seu objeto, e isso é necessário para ele entender a funcionalidade dele, já que o pesquisador também faz uso da linguagem.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008), o interpretativismo se divide em alguns modos de interpretação, como a pesquisa etnográfica, a observação participante, o estudo de caso, o interacionismo simbólico, a pesquisa fenomenológica e a pesquisa construtivista, e que ambos estão dentro do que seria fazer pesquisa que busca entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um dado contexto.

Seguindo a orientação interpretativista, para aprofundar ainda mais um pouco sobre a LA, trago também discussões de Rojo e Barbosa (2015), que trazem conceitos sobre essa área, porém voltando-se aos estudos bakhtinianos, e reflexões da linguista Brait (2005), que aborda questões sobre os gêneros discursivos e a sua funcionalidade também por meio das ideias de Bakhtin.

Na reflexão, Brait (2005) diz que Bakhtin compreende duas partes de organização do texto, uma sobre a concepção de texto enquanto discurso e enunciado, e a segunda parte o princípio dialógico e seu desenvolvimento em diferentes teorias do discurso e do texto. A partir disso, é possível perceber as concepções de dialogismo que Bakhtin propõe em seus estudos. Para esse filósofo, há diálogo entre interlocutores, em que se destaca o interacionismo, e há o diálogo entre os discursos. Isto permite dizer que o discurso jamais será individual, pois é construído entre pelo menos dois interlocutores, o “eu” e o “outro” do discurso, que são agentes ativos socialmente, e também porque mantêm relação com outros enunciados.

Brait (2005) aborda que Bakhtin considera o texto (enunciado ou discurso) como objeto das ciências humanas, entendido como “produto” da criação ideológica ou de uma enunciação, diante do contexto histórico, social e cultural; é também dialógico entre os interlocutores e com outros textos; este também é único, não repetível, e não reiterável, pois cada texto é um objeto único de diálogo.

Baseando-se nessas considerações bakhtinianas, Rojo e Barbosa (2015) também trazem discussões sobre o texto. Porém, essas estudiosas não se limitam apenas a essa abordagem bakhtiniana, e sim nas teorias do ensino dos papéis sociais dos gêneros do discurso em sala de aula, propondo atividade de leitura e análise de gêneros aplicadas nas diversas modalidades de ensino, tendo uma preocupação com as questões de educação linguística.

Assim, neste momento, a LA é tratada com um olhar para o ensino e a aprendizagem, pois suas bases epistemológicas permitem que se estude a funcionalidade do texto, usufruindo

do seu modo interdisciplinar de poder dialogar com outras fontes de conhecimento para construção da pesquisa e/ou desenvolvimento do ensino, voltando sua perspectiva para sala de aula.

Desse modo, ao investigar em LA se faz necessário colocar-se entre às fronteiras da “periferia” X “centro”, como diz Moita Lopes (2013), a fim de prestigiar discursos emergentes. Assim, essa postura epistemológica se afasta dos estudos estruturalistas de Ferdinand de Saussure, que se prendiam a estudar a língua em si e por si, como um sistema de signos que se inter-relacionam.

Nessa reflexão, na sequência, trato sobre o nascimento de um Nordeste construído discursivamente por uma elite nortista (para aqui ser pensado como “periferia”), garantindo seus interesses econômicos, políticos e ideológicos. Discutimos que essa construção se deu a partir de enunciados e imagens que fortalecem estereótipos sobre os sujeitos dessa região e estimulam sua estigmatização. Essa problematização interessa à LA, cujo objetivo é criar inteligibilidades sobre a vida social (MOITA LOPES, 2006) nos discursos emergentes, ou não. Assim, tratamos sobre como a seca é construída pela esfera jornalística no *corpus* reportagem, investigando estes discursos, já que a seca é pensada como um problema social a ser enfrentado pelos sujeitos nordestinos numa região construída como periférica.

2.3 Discursos na Linguística Aplicada: uma reflexão sobre a construção da “periferia” Nordeste

Nos estudos em LA, Moita Lopes e Baynham (2017) trazem a ideia de discursos emergentes, na discussão sobre “centro”, isto é, os sujeitos válidos, e “periferia”, os sujeitos não válidos. Essa reflexão interessa à LA contemporânea e indisciplinar, porque objetiva tratar da relação de “fronteiras” entre discursos, problematizando-os, desconstruindo o conhecimento que ocorre por meio das “vozes da modernidade”, construída do contato dos europeus com os não-europeus, em que se destaca um processo colonizador dos sujeitos que pertencem ao que é denominado de “periferia”.

Nesse sentido, “vozes da modernidade” (MOITA LOPES E BAYNHAM, 2017) está associada ao pensamento de “pureza”, que é entendido como essência dos que pertencem ao “centro”. Portanto, essas “vozes” denominam o que é “norma” e, assim, também o que seria “puro”, já que segue um padrão imposto pelo “centro”. Em contrapartida, haveria a periferia, que é vista como sendo o “desvio” da norma, portanto “não puro”, e que quando “agrada” à elite possibilita, por exemplo, em nossos dias, o desenvolvimento do capitalismo – são

borradas as fronteiras entre “centro” e “periferia” por interesses econômicos. Entretanto, tendem a passar por um processo de higienização para atender ao sistema colonizador, que sempre busca inferiorizar os “habitantes” da periferia. Moita Lopes e Baynham (2017) dizem que as tensões entre esses parâmetros são simbólicas, e que produzem desigualdades sociais, forjando historicamente a base das sociedades capitalistas e da noção de modernidade. Assim, tomamos neste trabalho, em especial no presente subtópico, que é na periferia que nascem os discursos emergentes.

Nessa conceituação, percebemos que o Nordeste nasce como construção de uma periferia. Albuquerque Jr (2017) diz que é necessário problematizar e desconstruir historicamente a ideia de Nordeste como região de miséria, fome e seca, pois esse discurso foi forjado por uma elite, do centro, nortista, que com interesses políticos e ideológicos construíram um Nordeste por meio de um conjunto de imagens e enunciados associadas a essa ideia de estigmatização da região nordestina.

A esse respeito, podemos perceber que há um processo de colonizar “mentalmente” os sujeitos nordestinos por meio desse discurso regionalista, em que são apagadas as divisões internas, porque vai tratar em manter a imagem do nordestino pobre, miserável, vítima dessa região supostamente castigada pela seca.

Por esse olhar de argumentação, a elite remodeladora desse discurso, segundo Albuquerque Jr (2017), possui uma mentalidade escravocrata, pois seu objetivo é colonizar e manter isso por meio do uso da linguagem, com enunciados, gêneros textuais, personagens que são vendidos para a cultura, como Lampião, Maria Bonita, o carro de boi, o mandacaru, o solo rachado, o sol forte, adjetivado como causticante; imagens que alimentam a possibilidade desses sujeitos em sempre pertencer ao lado periférico. Até mesmo a ideia de dois lados é propiciar essa desigualdade social e é também produto dessas “vozes da modernidade”, existindo sempre um lado em que seguirá a “norma”, fazendo referência ao que é “puro”, e o outro que seguirá ao “desvio” da norma, a periferia.

Dessa maneira, observando o discurso sobre a seca e o(a)s sertanejo(a)s, a partir de Molion (2016), a expressão “seca no Nordeste” é pleonástica porque é redundante, visto que seca é o fenômeno climático do semiárido nordestino, portanto, natural dessa região. No entanto, esse discurso é tomado dessa forma por que é recurso de obtenção de verba e desvio de dinheiro público, pois as elites (políticos, empresários da região, latifundiários, entre outros interessados em manter o discurso regionalista) apenas possuem o interesse em criar condições para fortalecer esse “pensamento” de seca como problema social, já que assim podem lucrar com isso.

A construção do discurso regionalista, segundo Albuquerque Jr. (2017), é perigosa, pois apaga os sujeitos oprimidos, passando as elites interessadas a utilizarem-se de vários recursos que possibilitem tratar o Nordeste quase como uma região “desértica”. Nesse sentido, o conceito sobre o sertão vem justamente da noção de terras não colonizadas por homens brancos, logo vistas como não civilizadas. Tendo isso em vista, eram tratadas como deserto, já que não tinham a presença de uma classe privilegiada, os brancos. Percebe-se que mais uma vez as “vozes da modernidade” se apresentam sempre inferiorizando uma classe para favorecer outra.

É interessante perceber também o discurso de ódio e também de auto-ódio (ALBUQUERQUE JR, 2017) que é alimentado por meio das “vozes da modernidade”. Quando eu, por exemplo, enquanto mulher, nordestina, alagoana, sertaneja e delmirense, não me reconheço como esse sujeito dentro dessas características em que eu seja igual nos direitos e deveres sociais com relação a qualquer outra classe, raça, etnia, gênero, alimento em mim um discurso de auto-ódio, que é muitas vezes consequência do discurso de ódio do outro sujeito pertencente ao centro, pois assim “[...] somos agentes de nossa própria discriminação opressão ou exploração [...]” (ALBUQUERQUE Jr, 2011, p. 32).

Este mesmo historiador diz que o nordestino só se “descobriu” a partir da migração dos anos 1930, pois ao chegar em outro estado (não nordestino) foi/é tratado como subalternos, reconhecendo-se, assim, como nordestino, porque é construída uma solidariedade entre os nordestinos, já que todos se veem na mesma situação de discriminação.

Dada a constituição desses discursos, a LA precisa ter um caráter trans/indisciplinar (MOITA LOPES, 2004), que permita que sejam agregados saberes de outras áreas que são solicitadas pelo objeto de pesquisa, tal como, por exemplo, a seca enquanto meu objeto, que solicita conceitos da História ou Geografia, que, assim, podem ser trazidos para compor a pesquisa. E, ao ser uma área indisciplinar, a LA não se prende a um único viés de saber, mas avança as fronteiras disciplinares. Isso é uma das características dos estudos em LA que possibilita investigar um objeto complexo, ou objeto híbrido (SIGNORINI, 1998).

Assim, conforme Signorini (1998), a LA busca investigar uma língua real, em seus falantes reais em suas práticas reais e específicas onde se encontra o objeto de investigação, pois ele não deve ser arrancado da tessitura das suas raízes. Por isso, a especificidade do objeto de pesquisa da LA, o estudo de práticas específicas de uso da linguagem em contextos específicos (SIGNORINI, 1998), como propomos nesse estudo.

Desse modo, minha pesquisa se interessa por essa compreensão, pois refletir sobre como a seca é construída em reportagens torna o objeto da minha pesquisa complexo, visto

estar situado em um contexto social e relacionado a práticas sociais específicas. Ademais, a LA ocorre pelo paradigma interpretativista (MOITA LOPES, 2006), que se preocupa em interpretar os resultados de forma qualitativa, sem generalizá-los. Portanto, analisar a seca em reportagens e como ela se constrói me permite interpretar de que modo essa prática discursiva afeta os sujeitos sertanejo(a)s nordestino(a)s.

Nesse lugar, eu como uma sertaneja nordestina e pesquisadora, como afirma Bortoni-Ricardo (2008), tenho minha compreensão enraizada em meus próprios significados, pois não sou passiva, e sim um agente ativo na pesquisa. A seguir, vemos como o discurso da seca se torna um objeto complexo para a pesquisa em LA.

2.4 A seca: o sujeito, a causa e o objeto

Neste trabalho, como já dissemos, o discurso da seca é analisado como objeto da pesquisa no *corpus* constituído por 3 (três) reportagens televisivas, investigando os processos que transformam a seca em agente e causadora dos males atribuídos à região nordestina. Nesse sentido, conforme Signorini (1998, p. 101):

[...] a LA tem buscado cada vez mais a referência de uma língua falada por falantes reais em suas práticas reais e específicas, numa tentativa justamente de seguir essas redes, de não arrancar o objeto da tessitura de suas raízes. Daí a especificidade do objeto de pesquisa em LA – o estudo de práticas específicas de uso da linguagem em contextos específicos – objeto esse que a constitui como campo de estudo outro, distinto, não transparente e muito menos neutro. (SIGNORINI, 1998, p. 101)

Assim, percebemos que o objeto decorrente em uma perspectiva aplicada não está pronto, completo, dado, para partir dele a pesquisa ser realizada, mas que a pesquisa será construída em volta desse objeto, constituindo-o, como um campo a ser estudado e situado em um determinado contexto social por meio de práticas discursivas, promovendo práticas sociais. Assim, consideramos que a prática orienta a teoria e a teoria problematiza a prática. É nesse constante movimento entre teoria e prática que se constrói o objeto de pesquisa em LA.

Dessa maneira, o(a) pesquisador(a) deve estar “próximo(a)” do seu objeto, mas isso não quer dizer que necessariamente deve fazer parte da cultura analisada. Contudo, é preciso mergulhar dentro da cultura do outro para que possa interpretá-la. Isso afeta sua pesquisa de modo positivo, pois ele/ela poderá usar experiências empíricas a partir do seu olhar. Logo, eu, como sertaneja e nordestina, convivo com o clima semiárido diariamente, portanto posso falar como é viver nessa região, circunstância que pode promover meus relatos empíricos no

trabalho. Isso não significa que outros pesquisadores e outras pesquisadoras não nordestino(a)s não possam realizar pesquisas com o caráter da pesquisa que aqui está sendo realizada.

Portanto, o objeto da pesquisa, o discurso da “seca”, analisado no *corpus* reportagens televisivas permite que outros conceitos venham constituir o trabalho, a exemplo das ideias de Charandeau (2006), que afirma que a informação se inicia no processo de discurso e é essa transmissão de conteúdos que a mídia realiza, sendo necessário compreender a função do gênero, a reportagem. Para tal, a funcionalidade do gênero deve ser entendida a fim de promover um estudo mais específico sobre o objeto “discurso da seca”, situado na esfera jornalística.

CAPÍTULO 03

A NOÇÃO DE SECA DO NORDESTE: UM PROBLEMA SOCIAL OU FENÔMENO CLIMÁTICO?

Não se pode concordar que existe seca no semiárido. A questão é a falta de conhecimento sobre a realidade climática (SCHISTEK, 2017).

Segundo Albuquerque Jr. (2011), o Nordeste é uma invenção que ocorreu no início do século XX, quando as elites agrárias do Norte perderam o espaço econômico para as elites do Centro-Sul. É um momento em que historicamente o Brasil estava passando por transformações. Nesse contexto histórico, surgiu a República da Oligarquia, em que Minas Gerais e São Paulo (República do Café com Leite) estavam em alta econômica e disputavam entre si o poder.

Portanto, as elites nortistas que estavam sofrendo com a queda econômica dos engenhos açucareiros e perdendo seu *status* de poder cercam a região Norte e a divide, surgindo, assim, o Nordeste; situação na qual puderam continuar com sua dominação e garantir seus espaços de privilégios econômicos, políticos e culturais (ALBUQUERQUE JR, 2017).

Albuquerque Jr (2017) cita que a invenção do Nordeste parte de intelectuais pertencentes a essa elite nortista, como Gilberto Freyre (1900-1987). Segundo esse pesquisador, a obra “Nordeste” desse intelectual é a certidão de nascimento dessa região, pois vai se remeter à Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), que foi elaborada pensando na seca de 1915. Gilberto Freyre é um intelectual pernambucano pertencente a essa elite inventora, mas seus documentos e textos são do litoral, do açúcar, fato que permite ser derrubado pela intelectualidade cearense, pois os intelectuais do Ceará trouxeram um argumento mais interessante a ser monopolizado: a “seca”. Ela se transforma na principal forma dessa elite nortista conseguir recursos, investimentos, cargos, entre outras especificidades que o argumento das secas poderia trazer como benefício para essa elite.

Assim, Albuquerque Jr. (2017) diz que há dois elementos fundamentais que propiciaram essa divisão do espaço geográfico em Norte e Nordeste, quais sejam: a “seca” e o encontro das três raças: índio, europeu e o negro, sendo o mito da narrativa da brasilidade, que é generalizado por essas três raças, como se a população do Nordeste fosse todo o Brasil. Essa elite do Norte com esses atributos regionais parte, então, para construir uma região imediatamente vinculada às “secas” e ao espaço Sertão.

É compreendido, então, que usar a “seca” é uma maneira estratégica (ALBUQUERQUE JR, 2017) para se alcançar objetivos políticos, cargos e benefícios para a elite da região, já que explorar o clima semiárido do Sertão, construindo um discurso sobre essa região é vantajoso. No discurso de “seca” como problema social, ela é protagonizada como causadora de todos os males aos nordestinos e nordestinas, quais sejam: miséria, fome e sede. Por isso, é usada como estratégia de obtenção de verba para políticas públicas que solucionem esse fenômeno climático, que, no entanto, é pensado e tratado como problema social.

Então, o Nordeste nasce como a região das secas, da caatinga, do Sertão, fazendo com que o espaço seja homogeneizado (ALBUQUERQUE JR, 2014), visto como uma área somente semiárida, clima característico do Sertão nordestino. Esse discurso é mantido, forjando uma relação endógena entre Sertão/Semiárido/Nordeste, pois há uma manutenção discursiva que retrata uma territorialidade, um clima e os modos de viver do sujeito nordestino extraídos de um grupo (sertão) em um determinado contexto histórico (secas de 1877 e 1915) e transmitidos a toda uma região (Nordeste), caracterizando-a somente pelo clima (semiárido), noção que verbera pelo século XX até os dias contemporâneos.

Com essa introdução nesse capítulo, o objetivo é apresentar como e por que a seca é estratégia desse processo discursivo elaborado pelas elites nortistas, e comentar como ela enquanto fenômeno climático é construída como um problema social.

3.1 Refletindo sobre o fenômeno climático seca – sua configuração no Sertão/Nordeste

O Nordeste é uma região do Brasil bem diversificada em seu caráter geográfico, climático, urbano, rural e linguístico. Porém, segundo Albuquerque Jr. (2014), quando se fala em Nordeste há uma série de imagens e enunciados que generalizam a região, causando estigmatização, pois é enunciada como o território da “seca”, da terra rachada, da vegetação sem vida, infértil, do(a) cangaceiro(a), do vaqueiro, do cabra macho, da mulher macho, do(a) sertanejo(a) da pele castigada pelo sol ardente, que somente o Nordeste possuiria. A partir destes, ainda se constrói outro estereótipo a partir do qual se entende que só sendo muito valente para encarar tais circunstâncias.

Albuquerque Jr. (2014) enfatiza também que discursos como esses são repetidos, dotados de significados, de sentidos estáveis até se tornarem naturais, pois são propagados e mantidos pelo(a)s próprio(a)s nordestino(a)s e por quem conhece essa região somente por esses discursos. O Nordeste foi inventado para ser um sentimento, saudosos

(ALBUQUERQUE JUNIOR, 2014), para constituir a identidade desse povo; essa região foi feita para ser introjetada por meio desses discursos.

É possível perceber essa internalização no discurso do(a)s nordestino(a)s e sertanejo(a)s, quando o Sertão do Nordeste, caracterizado pelo seu clima semiárido, é dado em processo de metonímia, apenas por uma característica desse clima “a seca”, que Molion (2016) diz ser um fenômeno climático. Logo, uma parte é atribuída ao todo, afirmando-se que em todo o Nordeste há seca. Portanto, todo o Nordeste seria Sertão? Ainda é possível levar esse processo fazendo uma relação de sinonímia entre sertão e seca.

A esse respeito, como sertaneja, habitante dessa região (Sertão), trago um exemplo empírico, uma conversa entre amigo(a)s, na qual, quando falávamos sobre faxina, uma amiga, desculpando-se por não ter passado pano na casa, disse “temos que economizar água, pois o Sertão está aí”, atribuindo o mesmo sentido entre as palavras “seca” e “sertão”. Podemos discutir essa questão a partir da imagem cartográfica que segue:

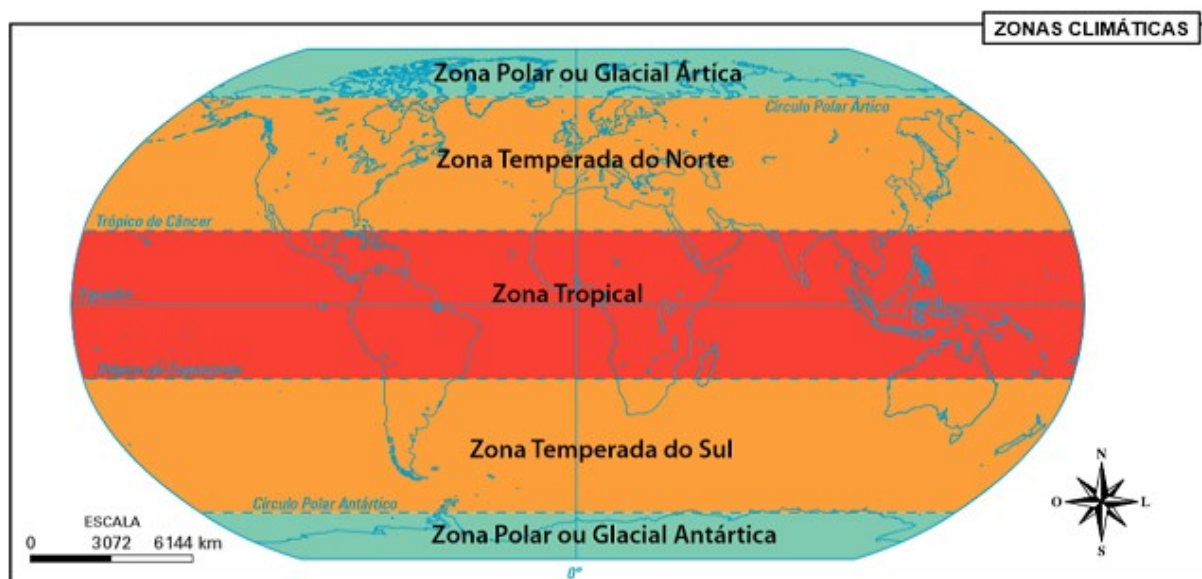


Figura 01. Região Nordeste do Brasil. Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/sertao/> >. Acesso em 27 de maio de 2018.

Podemos perceber neste mapa que a região Nordeste não se limita a apenas ser Sertão, pois se divide em 04 (quatro) regiões, quais sejam: Meio-norte, Agreste, Zona da Mata e Sertão. Cada uma dessas microrregiões do Nordeste possui uma característica climática diferente. A Zona da Mata, por exemplo, situa-se no litoral. Portanto, tende a ter um clima mais úmido. O Agreste é semiárido, porém, menos seco que o Sertão, e fica próximo à região

árida do Sertão, que tem o clima semiárido e é característico por ser menos pluviométrico que o Agreste, e o Meio-norte é tropical úmido.

Assim, ao falar do sertão, do Nordeste, Molion (2016) argumenta que é pleonástico falar “seca no Nordeste”, ou, diríamos, “seca no Sertão”, pois essa é uma região semiárida, portanto, a seca é característica natural, um fenômeno climático do Sertão nordestino. Logo, nomear dessa maneira é redundante. Ainda conforme Molion (2016), o nosso semiárido é diferente de outros existentes em países como os Estados Unidos, pois estamos localizados em uma área tropical. Dessa maneira, enquanto na América do Norte no, inverno, o semiárido alcança temperaturas baixas e com pouco sol, o semiárido no Brasil há sol em quase todos os dias, fato que aumenta a evaporação, principalmente porque o nossos recursos pluviais não se sobrepõem à quantidade de água que é evaporada, o que acarreta o fenômeno climático da estiagem, denominada de “seca”. Podemos perceber esse fenômeno no seguinte mapa:



Fonte: Atlas Geográfico Escolar. São Paulo: IBEP, 2012.

Figura 02. Zonas térmicas do planeta terra. Disponível em: < <https://www.estudopratico.com.br/zonas-termicas-da-terra-polares-temperadas-e-tropical/> > Acesso em 26 de maio de 2018.

É possível vermos no mapa anterior que parte do Brasil está localizada bem próxima à linha do Equador, que divide os hemisférios Norte e Sul. Observamos também que ele possibilita a divisão das zonas térmicas. Dessas, destacamos a Zona Tropical, onde está grande parte do Brasil, inclusive o Nordeste e o Sertão. Assim, observamos que quanto mais próximo da linha do Equador mais irradiação solar decorre durante o ano na região

(KUNAST, 2018). Isso explica geograficamente como ocorre o fenômeno climático da seca e o porquê o nosso semiárido tende a ser mais quente do que o de outras regiões.

Molion (2016) traz alguns dados que ajudam a entender esse processo climático. Segundo afirma, dependendo da região semiárida no Nordeste, chove de 500 a 800 mm e a demanda evaporativa é 2.500 mm. Assim, a “solução” é trazer água, como a transposição do Rio São Francisco. No entanto, ainda existiriam problemas, tal como o do canal ficar aberto, sem cobertura, visto que é a nossa evaporação é rápida, fazendo com que a água evapore, secando o canal e dificultando o transporte da água. Porém, quando se fala sobre Alagoas, o pesquisador diz que a região é privilegiada pelas chuvas, tendo precipitação de 600 mm a 800mm, em regiões como Mata Grande e Delmiro Gouveia (situadas no alto Sertão). Dada essa compreensão, não podemos sustentar os discursos sobre o Sertão como região infértil e miserável, generalizando essa região por meio de seu clima semiárido. Então, por que isso acontece?

Pelas elites nortistas, o fenômeno climático seca tornou-se um excelente argumento para obtenção de benefícios próprios. A “seca” passou pelo processo de personificação. Assim, ela é causa e sujeito que possibilita a fome, a sede e a miséria no(a)s nordestino(a)s, (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2017). Logo, o conceito de seca é monopolizado como o conceito de Sertão, o que justifica dizer que o conceito de sertanejo(a) seja também explorado como o conceito de nordestino(a), estabelecendo-se a relação Sertão/semiárido/Nordeste. Isto é, o(a) nordestino(a) é generalizado(a) sob o conceito de sertanejo(a).

Albuquerque Jr. (2017), ao falar sobre o conceito de Sertão, argumenta que antes da invenção do Nordeste o Sertão existia em toda parte do Brasil, pois se denominava como uma terra que não era ocupada por brancos ou não civilizada, terras nas quais haviam índios, mas, devido à discriminação, os colonizadores não os tratavam humanamente. Por isso, a palavra Sertão se configura em (de)sertão, fazendo uma referência a esse período colonial e a suposta desabituação de povos brancos na região sertaneja. No entanto, contemporaneamente ainda podemos perceber essa relação de (de)serto, (de)sertão, Sertão (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2014), pois ainda é atribuída a ideia de Sertão como rural, tradicionalista, quando as produções artísticas dessa região só representam o rural e não o urbano, sendo que grande parte do espaço sertanejo semiárido é urbano. Segundo dados do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), a região Nordeste cresceu mais de 5%, desde dados emitidos em 2014 pelo IBGE. Atualmente, a população semiárida equivale a mais de 34% da população do Nordeste e 12% da do país, totalizando uma população estimada em mais de 23,5% de habitantes.

O conceito de Sertão monopolizado é facilmente afetado pelo discurso das secas, transformadas em estratégia para se obter verba do Estado. Observamos que outras áreas do Brasil possuem pouca precipitação, ou falta dela, que passa a ser denominada de “estiagem” ou “crise hídrica”, mas para o Nordeste, o termo é recorrentemente “seca”. Assim, este discurso alimenta o estereótipo de miserável sobre a região e seus habitantes; é como se rotineiramente estivéssemos passando sede e fome, pois sempre há “seca”. Constrói-se a ideia de que a seca é constante, e, assim, os usos das palavras “estiagem” ou “crise hídrica” eufemizariam a noção de “seca”.

3.2 A seca e suas políticas: enfrentar ou conviver?

Considerando o que já foi exposto no tópico anterior, podemos considerar que a “seca” é realmente um desastre natural ou que ela é construída discursivamente para que pareça ser um problema social? Vemos que há décadas esse (suposto) “desastre natural” assola o Nordeste, e que mesmo assim o dito “problema” não foi resolvido. Donald (2016) diz que é desafiador monitorar o começo, a evolução e determinar um término para a “seca”, e que o objetivo é reduzir a ocorrência de futuras “secas”, com a preocupação econômica, ambiental e regional das localidades afetadas. Mas como determinar o fim para algo que é um fenômeno climático natural da região, portanto, corriqueiro durante um determinado período? Para Magalhães (2016),

Ao longo da história, as secas têm causado pesados impactos sociais, econômicos e ambientais no Nordeste. Também devem ser realçadas suas consequências políticas e culturais. Quando fica claro que o ano será seco, isto é, que as chuvas não serão suficientes para segurar a colheita nem para armazenar água, os agricultores decidem parar de plantar. Milhões de trabalhadores rurais e agricultores de pequeno porte podem ficar subitamente desempregados, sem oportunidade de trabalho. Instala-se uma calamidade social. Antes de emigrar, eles tentam de tudo. Em secas leves, eles conseguem muitas vezes encontrar alternativas de subsistência no próprio lugar onde vivem. No mais das vezes, quando as secas são mais severas e prolongadas, eles precisam migrar para as cidades ou para outras regiões do Brasil, como Amazônia, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília. (MAGALHÃES, 2016, p. 25).

Pensando em todos esses percalços, é evidente que a “seca” seja tratada como problema e causadora de todos os transtornos do(a)s sertanejo(a)s, noção forjada por um discurso que permite monopolizar a “seca” e atribuir somente a ela a culpa pelo suposto “desavanço” da região. Tendo em vista isso, essa é uma oportunidade favorável para o Estado,

que se desvia do seu papel administrativo governamental para usar a “seca” como culpada pelo caos na região, construindo-se como estratégia (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2017) a fim de obter recursos, cargos, empréstimos com descontos especiais, para a região, na promessa de solucionar “calamidades”. Justifica-se que é devido à “seca” que o(a) sertanejo(a) sofre. Mas, como tal “problema” social não se soluciona, justifica-se o fato de que defendemos que ela não é o problema, mas construída para que seja um problema.

Desse modo, há um interesse por parte de estudiosos e cientistas (DONALD, 2016) em tentar encontrar uma solução que acabe com a “seca”. Isso também é uma das facetas do Estado para nutrir o discurso das secas e sempre conseguir recursos na desculpa de tratar da região do Sertão. A questão é que a seca é um fenômeno natural do semiárido (MOLION, 2016), para o qual, portanto, não há uma solução. Logo, faz-se necessário que se criem perspectivas de convivência com a estiagem.

Por isso, na relação endógena construída entre sertão/semiárido/Nordeste, entendemos que há uma influência exterior do sistema para o interior de um organismo. O Sertão tem seu clima semiárido caracterizado pelo fenômeno climático da Seca, que é generalizado para todo o Nordeste, como uma região de fome e miséria, que tem a Seca como “vilã”, discurso que é alimentado pelos meios midiáticos e pela “Indústria da Seca” (ALBUQUERQUE JR, 2017). Essa expressão é empregada para designar a forma com que grandes latifundiários da região, bem como alguns políticos e empresários, utilizam-se da seca do Nordeste para conseguir e desviar recursos públicos e garantir votos da população, sob a promessa de acabar com a fome e a miséria da região, o que permite que nordestino(a)s sofram com a estigmatização de uma região que, na verdade, precisa de políticas públicas de convivência e não de enfrentamento, pois a seca que é tratada como problema social é um dado climático natural da região.

A esse respeito, para pensarmos sobre os dados climáticos da região, podemos observar no mapa que segue uma descrição dos locais de secas em abril de 2018. Segundo o Monitor de secas, que é um processo de acompanhamento regular e periódico das situações das secas no Nordeste, de caráter governamental, o mês de abril inicia um dos períodos chuvosos do setor Leste da região, indo de abril a julho. Em abril, segundo o Monitor, as chuvas foram superiores a 600 mm em vários estados. E para o estado de Alagoas,

[...] houve uma pequena expansão da área de seca grave (S2) devido à pouca quantidade de precipitação nessa área. Por outro lado, as precipitações de abril contribuíram para melhorar as condições no Litoral e na Zona da Mata, onde não há mais indicativo de seca. Na parte central do estado, não houve modificação no quadro de seca com relação ao mês anterior. As condições de seca no estado variam de seca fraca (S0) na parte central até seca grave

(S2) no Sertão, com impactos de longo prazo, ficando a Zona da Mata e Litoral sem seca. (MONITOR DE SECAS, 2018, p. 03).

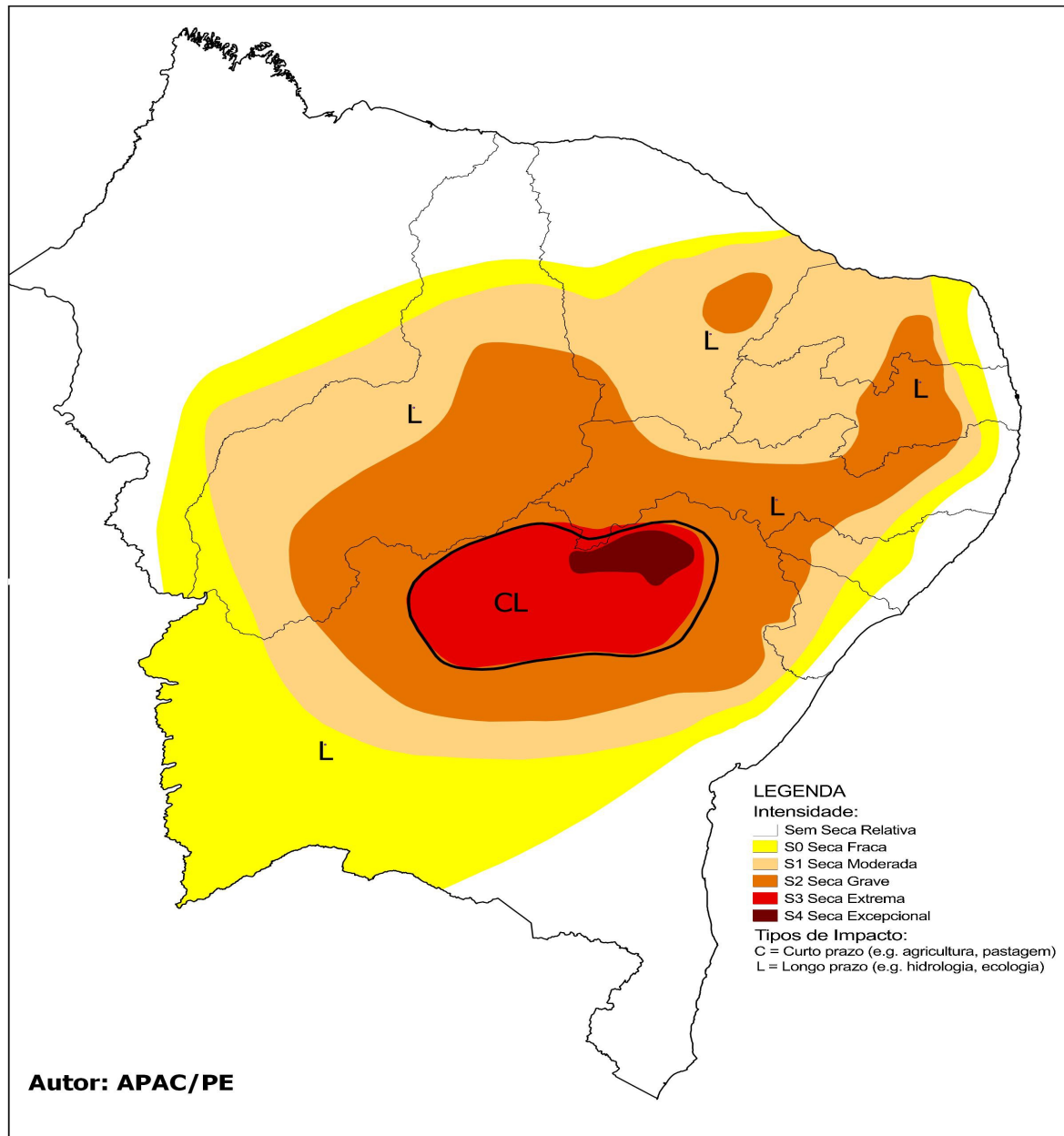


Figura 03. Mapa das secas no Nordeste em abril de 2018. Disponível em < <http://msne.funceme.br/map/mapa-monitor/analise/158> >. Acesso em 30 de maio de 2018.

Tais dados nos orientam a perceber que o processo de secas no Sertão e Nordeste não pode ser generalizado, tomando a seca como o problema do(a)s nordestino(a)s e sertanejo(a)s, pois a região possui chuvas que duram um determinado período. É um índice de desconstrução dessa imagem estigmatizada, que denomina o Nordeste como a região de secas. Outro fato a ser pensado é que vivemos em outro contexto histórico diferente daquele do início do século XX, quando se iniciava o processo de invenção do Nordeste, e temos meios tecnológicos que nos permitem perceber bem mais tanto os períodos chuvosos como os

menos chuvosos, ou não chuvosos. Assim, é possível pensar em políticas públicas de convivência com o semiárido. Portanto, sendo a seca um fenômeno climático, não é conveniente que se acabe com ela ou a solucione, já que também temos chuvas. Desse modo, como pensar nessas políticas?

Segundo Schistek (2017), não se pode concordar que existe seca no semiárido. Esse pesquisador argumenta que a questão é a falta de conhecimento sobre a realidade climática, e essa falta de conhecimento faz com que lidemos com o semiárido de forma ignorante, isto é, sem o conhecimento suficiente para reconhecer que é possível conviver com a região de maneira gentil. O autor ainda afirma que as áreas de Superfície do Semiárido Brasileiro (SAB) e da Caatinga não coincidem, pois uma corresponde a 982.563 hm² e a outra a 844.453 hm², respectivamente. Destaca também que as principais características da SAB são as chuvas irregulares na sequência temporal e a alta evaporação potencial. Trazendo o exemplo de Juazeiro na Bahia, sua precipitação de chuvas é de 525 mm e é comparado até com Berlim, na Alemanha, diferindo apenas no fato de que a evaporação lá é em torno de 320 mm, enquanto no Juazeiro chega aos 3000 mm por ano. A caatinga é considerada por Schistek (2017) como a porção vegetal que possui uma adaptação perfeita ao clima semiárido, mesmo com suas chuvas irregulares e grande evaporação.

Desse modo, é possível que se perceba que há um desconhecimento em como conviver com as características dessa região nordestina. Por exemplo, a criação de gados na região não é favorável, pois os animais acabam morrendo porque não são adaptados ao clima. Porém, caprinos e ovinos já possuem uma resistência maior. Assim, sua criação seria mais interessante para a região e menos prejudicial para os criadores e animais. Outro ponto é a agricultura que não cultiva o que é favorável ao semiárido. Schistek (2017) diz que plantar sorgo, uma espécie de milho mais resistente ao clima árido, ao invés do milho comum, daria o retorno que a agricultura precisa em tempos mais quentes. Schistek (2017, p. 47) define, então, a seca como “[...] um evento quando, numa região de precipitações normalmente regulares, de repente cessa a chuva ou cai em quantidade inferior e as culturas agrícolas não conseguem completar seu ciclo”.

Pensar nesses fatos é discutir que a convivência com o Semiárido é a alternativa viável para os habitantes da região. Pensar no “combate à seca” é apenas nutrir o discurso da seca que só interessa ao Estado que busca lucrar com essa discussão. Ainda citando Schistek (2017, p. 49), “a seca é caracterizada por algo que não existe, por algo que não ocorreu, quer dizer a chuva. Como combater o nada, o inexistente?”. Schistek (2017) ainda nos faz refletir sobre concordar que seca não existe, e que é devido ao início das colonizações com os

portugueses que até os dias de hoje esse discurso da seca é perpetuado, pois encontravam seus interesses apenas no litoral, no cultivo de cana de açúcar e na criação de gado por ser animais fortes para o transporte da cana e alimentação dos senhores de escravos. Logo após, o gado é direcionado ao interior (Sertão), porque adentrava nas plantações e estragava o cultivo, assim partiu de os portugueses trazer para região alternativas não favoráveis, animais, cultivo de determinadas plantas, a desmatagem da caatinga e a convivência com o semiárido de forma “ingênua”. Tal discurso se mantém por mais de um século com o auxílio de elites nortistas, por meio da invenção do Nordeste no início do século XX e a estratégia de monopolização do fenômeno climático seca, através do Estado.

Essa discussão apresentada nesse capítulo permite que observemos como aconteceu a construção de um discurso sobre o clima semiárido nordestino, seca, e por quais objetivos isso ocorreu. Com isso, é possível que por meio da pesquisa acadêmica se investigue de que modo isso afetou e afeta os sujeitos nordestino(a)s sertanejo(a)s. Logo, refletir sobre esse discurso da seca em reportagens é interpretar de que maneira a esfera midiática elabora discursos com poder de verdade, como vemos nas análises, no capítulo que segue.

CAPÍTULO 04

A SECA EM REPORTAGENS TELEVISIVAS: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVO-DISCURSIVA

Durante muito tempo tivemos a ideia de que ler é apenas decifrar os sinais, os símbolos, e que para isso bastava apenas aprender a juntar as letras formando palavras, estas formando frases e as frases formando textos. Ou seja, bastava entendermos o funcionamento do sistema de escrita e podíamos sair lendo, isto é, “decifrando” as palavras, as frases e os textos. Entretanto, esse tipo de leitura tratava o texto como se ele fosse abstrato, morto, como se tivesse surgido do nada e, além disso, como se o sentido existisse grudado à superfície textual, preso às palavras (SANTOS FILHO, 2012, p. 03).

Entendemos que novas abordagens epistemológicas e metodológicas são necessárias nos estudos linguísticos e que o processo de investigação sobre o estudo da linguagem é abrangente, principalmente no que se refere à análise do texto. Assim, a teoria da “enunciação concreta”, do filósofo Mikhail Bakhtin, torna-se neste trabalho o viés metodológico que permite entender o enunciado de forma operante. Nesse capítulo, antes da análise em si, para pensar mais sobre a enunciação concreta, discuto sobre como a mídia se comporta diante de sua produção, aspecto que é importante em nosso estudo, pois nos ajuda a compreender determinadas ações frente ao telespectador e os processos de introdução de ideologias nas reportagens analisadas.

4.1 A mídia e sua astúcia: refletindo sobre o gênero discursivo “reportagem televisiva”

Albuquerque Jr. (2014) enfatiza que a mídia se concentra no Centro-Sul do Brasil, o que não torna a sociedade democrática, desobedecendo, assim, o que diz a Constituição Federal (1988), no artigo 221, nos § II – “promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação, e § III – “regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei”. Segundo a Constituição Brasileira de 1988, a mídia deve ser regional, possibilitando que os habitantes da região manifestem seus próprios interesses, divulgando a partir de sua cultura notícias e suas produções artísticas.

Mas, a partir da ditadura militar, a mídia passou a olhar de um determinado ponto para o restante do país. Portanto, o Brasil é visto de um determinado lugar, já que as mídias nacionais estão a serviço das manutenções de poder no país, e até as mídias regionais seguem os padrões das nacionais. Este mesmo pesquisador também fala que desde o século XX (início

da invenção do Nordeste, argumento defendido por ele) famílias elitizadas dominam a mídia e fazem dela um partido político de oposição.

Então, podemos dizer que “no jornalismo, a relação entre autor e leitor, ouvinte, telespectador ou internauta não é mera transmissão de informações” (HERNANDES, 2017, p.18). Isto é, o objetivo é, pois, o de persuadir o leitor, ouvinte, telespectador ou internauta a acreditar que naquela “informação” “disfarçada” por interesses políticos e ideológicos, levada pela persuasão, há uma verdade absoluta. Ou seja, a informação é, na verdade, elaborada por uma encenação da realidade, que deve ser aceita pelo público, a fim de alcançar a eficiência desejada do enunciador, o jornal (HERNANDES, 2017), sobre determinado fato. A esse respeito, Hernandez (2017) diz que um fato

Trata-se da primeira eleição e da apropriação que um determinado jornal faz de certos acontecimentos, selecionados por ter determinado valor argumentativo. Selecionar um fato aponta a existência de uma visão de mundo. Tornar algo visível, presente, é antes de tudo, determinar-lhe valor. Significa, simultaneamente, omitir ou esquecer outros aspectos envolvidos. (HERNANDES, 2017, p. 23)

Com isso, percebemos que uma notícia e/ou reportagem veiculada por meio da esfera jornalística transmite não informações, mas principalmente ideologias, que se constroem sobre o “outro” do enunciado, permitindo que esse também construa um discurso sobre o que viu, leu, ou ouviu, no sentido de que “cada grupo social tem um conjunto de valores, uma maneira de ver e julgar o mundo. Quando esse grupo ou classe social tenta legitimar seus valores para outros sujeitos, entramos no fenômeno da ideologia” (HERNANDES, 2017, p. 22). Logo, a “manipulação” dos jornais só funciona porque o público participa do mesmo sistema de valores do jornal, sendo coautor. Nesse sentido, o autor jornalístico leva em consideração as expectativas e as prováveis reações de quem vai receber o texto; assim o “receptor” participa também da comunicação.

Dessa maneira, as mídias são simbolicamente esferas de poder que no meio social satisfazem apenas interesses de quem concentra o poder dominante. Segundo Charaudeau (2006), no mundo político o discurso manifestado está intimamente ligado ao poder e, também à manipulação, visto que o mundo das mídias tem a pretensão de se definir contra o poder e a manipulação. Charaudeau (2006) também argumenta que a própria mídia é utilizada pelos políticos como meio de manipulação da opinião pública, ainda que seja para o bem-estar do cidadão, porque constitui um quarto poder. Porém, o cidadão aparece com frequência como refém delas (CHARAUDEAU, 2006) pela “representação” que a mídia faz sobre o cidadão e ainda pelos efeitos passionais provocados ao “outro” do enunciado que estão

distantes da intenção de informar. Comporta-se como “melhor amigo” do telespectador, ouvinte, leitor e até mesmo simulando ser o próprio, com o discurso de “a vez do povo no rádio, TV, internet, jornal etc.”.

Então o que é informar? Charaudeau (2006, p. 09) diz que “informar é transmitir um saber a quem não o possui, pode-se dizer que a informação é tanto mais forte quanto maior é o grau de ignorância, por parte do alvo, a respeito do saber que lhe é transmitido”. Assim, a informação passa a ser uma estratégia usada pela mídia para construir uma visão de mundo sobre determinado fato, por isso construindo para si uma visão própria do mundo e do espaço público de maneira que se passa por “representação”, que toma o lugar da realidade.

Assim, interessa à mídia quem é o manipulado, ou quem é o alvo da suposta informação. Para Charaudeau (2006, p. 09), “*as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social* [destaque do autor] elas impõem o que constroem do espaço público”, espaço que é fragmentado e destaca o fato que é passado como informação, mas que mascaradamente apenas atende aos interesses políticos e ideológicos do eu enunciativo jornalístico a fim de persuadir o “receptor”. Desse modo, Hernandes (2017, p. 23), ao se referir ao discurso das mídias, argumenta que “não é possível o acesso ao real sem um recorte ideológico, sem atribuir valores aos acontecimentos. Portanto, quando um jornal constrói um discurso em que afirma mostrar a realidade, já está utilizando um recurso de persuasão”.

Para isso, a informação é aliada pelo uso da linguagem, sendo ferramenta de poder. Charaudeau (2006, p.16) nos diz que “se existe um fenômeno humano e social que dependa principalmente da linguagem, é o da informação”. Assim, a informação é essencialmente uma questão de linguagem, sendo ela não transparente ao mundo; apresenta sua opacidade e constrói uma visão e um sentido particular do mundo (CHARAUDEAU, 2006).

Podemos perceber tal opacidade em imagens transmitidas em reportagens televisivas em que se têm a ideia de que refletem uma certa “realidade”¹ com caráter de “verdade”, uma dada notícia ou informação, permitindo seus desdobramentos e interpretações acerca do que é transmitido. As imagens podem ser de efeitos perversos e espetaculares da miséria humana ou se deixar a serviço de notícias falsas; é a ideologia de mostrar a qualquer preço, do tornar visível o invisível e do selecionar o que é mais surpreendente, a fim de causar um impacto de persuasão ao receptor.

¹ Uso as palavras “realidade” e “verdade” destacadas em aspas para enfatizar que estou tomando o que cita Charaudeau (2006), quando diz que as mídias não transmitem o que ocorre na realidade, mas impõem o que é construído por elas, fragmentado do espaço público.

Charaudeau (2006) ainda traz a mídia metaforizada como os espelhos de parques de diversão, espelhos que deformam a dita “realidade”. As imagens são fragmentos do espaço público, mas também são bem afastadas de um reflexo fiel. As mídias são espelhos que deformam, ou vários espelhos deformantes ao mesmo tempo e que mostram cada um à sua maneira um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo.

Dessa maneira, a informação “transmitida”² é pura enunciação. Conforme Charaudeau (2006), ela constrói saber e depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação que a informação se insere e do veículo de informação em que é colocada em funcionamento. Com isso, o sentido nunca será dado antecipadamente, mas, construído pela ação linguageira dos sujeitos em situação de troca social, sendo perceptível através de formas, em que toda forma remete a sentido, todo sentido remete à forma, em uma relação de solidariedade recíproca. Por isso, todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca (CHARAUDEAU, 2006).

Para ele, para que aconteça a situação de troca, é necessário anteriormente a situação de comunicação, que constitui um quadro de referências, que os sujeitos de uma comunidade social precisam para iniciar sua comunicação, isto é, um lugar, espaço, de tempo, de relações, de palavras que vão constituir as trocas sociais e seu valor simbólico. Nisso, o ato de comunicação, destacando nesse trabalho a comunicação midiática, põe em relação duas instâncias, segundo Charaudeau (2006): a primeira produzir teoria, desencandeando o desejo de consumir as informações, pois seu objetivo é captar a atenção do público, e a segunda instância é de recepção, como o público se manifesta ao receber determinada informação, objetivando que o interesse é a manifestação de prazer.

Dessa discussão, é importante informar que o *corpus* deste trabalho pertence à esfera jornalística, propagado pelos meios midiáticos – reportagens televisivas. Como já vimos anteriormente, há determinados conceitos sobre a mídia que são necessários para entender o processo de análise enunciativo-discursiva. Assim, entendendo que o *corpus* do trabalho se trata de um gênero discursivo midiático e que a análise ocorre por esse viés, apresento concepções de Mikhail Bakhtin e Volochinov (1929 [2004]) *apud* Santos Filho (2012), que entendem que o fato linguístico deve ser estudado situando os sujeitos e o uso da língua no contexto social, observando os sentidos e a ideologia que é construída por meio dos usos

² Destaco essa palavra em aspas para retomar o conceito sobre informação que já vimos (CHARAUDEAU, 2006), no sentido de que a informação não é transmitida, já que há uma “imposição” do que é construído por ela para o público.

linguísticos e seus significados. Assim, o estudo da língua não ocorre de maneira ficcionada, mas entendendo como o locutor usa a língua para as suas necessidades concretas.

Segundo Santos Filho (2012), a concepção de texto durante algum tempo era a de algo de caráter decifratório, pois se objetivava entender apenas sinais e símbolos e a partir disso se conseguia formar palavras, frases e textos, e que apenas entender esse funcionamento já era o suficiente para compreender o texto ou, como esse pesquisador afirma, “decifrar”, possibilitando realizar uma “leitura”, que configura o texto como abstrato, morto e superficial.

Em contrapartida a esse pensamento, e com uma corrente filosófica, surge Mikhail Bakhtin, filósofo e linguista russo, que juntamente com seu “Círculo de Bakhtin” discutiu com outros filósofos, inclusive Volochinov, sobre as perspectivas dos estudos em linguagem, realizando uma crítica aos estudos estruturalistas do linguista Ferdinand Saussure. Desse modo, para esses pesquisadores, o estudo da língua não ocorre por uma via ficcionada, mas entende que o locutor se serve da língua para suas necessidades concretas, já que ele é um falante real, usuário nato desse processo linguístico.

De acordo com Bakhtin e Volochinov (1929 [2004]) *apud* Santos Filho (2012), compreendemos que a linguagem para esses filósofos é um processo de interação e que, por isso, se afasta da ideia de língua entendida apenas como sistema. A compreensão desses pesquisadores era a de que seus estudos dessem vida aos estudos em linguagem, já que os estudos estruturalistas não tratavam a língua com vida, mas de modo abstrato. Por isso, Bakhtin e Volochinov (1929 [2004]) apresentam a ideia de “enunciação concreta”. Destacam que o estudo em linguagem deve ser feito “distanciando-se” do abstrato, pois, se seguido esse sentido epistemológico, como era compreendido por Saussure, o modo de fazer ciência estaria desconectado da vida.

Por isso, essa perspectiva bakhtiniana em minha pesquisa, vinculada ao viés da Linguística Aplicada, torna-se viável, já que permite que a análise do *corpus* seja feita através da “etnolinguística da fala viva”, possibilitando, como Bakhtin e Volochinov [1929 (2004)] sugerem, adentrar ao contexto social de uma determinada realidade e compreender de forma concreta e não mais abstrata os processos linguísticos do falante, das práticas discursivas, tendo em vista também as práticas sociais.

Assim, Santos Filho (2012) diz que, pensando dessa maneira, Mikhail Bakhtin compreende que o texto é um enunciado, que é uma “fala” de um “eu” direcionado a um “outro”, e que isso acontece em um dado momento histórico, que é político e ideológico. Isso permite que o enunciado ou discurso seja construído por meio de significados que foram

elencados, escolhidos por esse “eu” para alcançar determinados sentidos sobre o “outro”, para quem o discurso é direcionado.

Santos Filho (2012) nos faz refletir que os sentidos não estão presos às palavras ou às estruturas da língua, mas que são forjados na relação entre esses sujeitos do enunciado, sujeitos que estão em diálogo em um determinado gênero discursivo. Com isso, esse pesquisador ainda salienta que os sentidos são sempre propostas de sentidos, tentativas de produção, que podem ocorrer como o efeito de sentido desejado, ou não.

Para isso, é necessário considerar qual o perfil psicossocial desse “outro” do enunciado, pois é preciso entender que o “eu” que produz o discurso dialoga com o “outro” a partir de suas escolhas, mediante o perfil de para quem o texto está sendo direcionado. Segundo argumenta, essas escolhas podem ser de palavras, ou de construções morfológicas ou semióticas, que dependerão também do gênero discursivo para completar os significados que constroem os sentidos desejados por esse “eu” para com o “outro” (SANTOS FILHO, 2012).

A partir disso, compreender o gênero discursivo e sua função social é fundamental, pois, conforme explicita Santos Filho (2012), cada gênero discursivo realiza uma ação na sociedade, e, por isso, saber qual é o texto/gênero possibilita identificar a intenção principal do “eu” para com seu interlocutor, permitindo que inferências sejam levantadas acerca das escolhas realizadas e do gênero discursivo escolhido por esse “eu” para construir seu discurso. Assim, consegue-se levantar possíveis sentidos que foram propostos no enunciado.

Dessa maneira, definindo o gênero discursivo, também temos que considerar o veículo de circulação do enunciado, que dependerá do contexto histórico, ideológico e social dos sujeitos envolvidos. Em uma análise, Santos Filho (2016) usa dois contextos históricos para demonstrar práticas discursivas em diferentes contextos sociais: o primeiro ocorre no século XVIII, sobre as taberneiras, que iam às ruas em prol do direito das tabernas, um tipo de bar da época, continuarem abertas, pois era de onde tiravam seu sustento. Naquele contexto, elas gritavam nas ruas, exigindo tal direito. Ele entende o grito como uma prática discursiva da época, enunciado naquele momento que se tornava mais efetivo, já que seriam notados pelo povo e pelo “outro” a quem se destinava sua repercussão. É importante salientar que naquela época não se usava cartazes, e que muitos nem tinham acesso à leitura. Por isso, naquele contexto histórico era inviável o uso do cartaz, por exemplo.

Noutro exemplo de prática discursiva, a partir de uma cena da telenovela “Joia Rara”, exibida pela Rede Globo, em 2013, Santos Filho (2016) fala de uma trama de meados do século XX, por volta de 1940, na qual mulheres vão às ruas, agora com cartazes, pois o contexto histórico permite que esse gênero discursivo seja usado, pois, ao contrário do

exemplo anterior, a leitura já era uma prática social mais efetiva. As mulheres gritavam nas ruas usando cartazes para exigir que uma outra mulher, amiga, presa pelo fato de ter traído o marido, fosse solta – prisão sustentada pela Lei da época, que fazia sentido para aquele tempo.

Assim, percebemos que na compreensão de Santos Filho (2012; 2016), a história é fundamental – o contexto macro – no qual o texto/enunciado/gênero é produzido – tornando-se relevante para entendermos as escolhas realizadas pelo “eu” do discurso, pois sempre falamos e nos comportamos dentro de nosso tempo. Dessa maneira, deve ser considerada a função do gênero discursivo reportagem televisiva, que é o *corpus* deste trabalho.

Segundo Charaudeau (2006),

A reportagem jornalística trata de um fenômeno social ou político, tentando explicá-lo. “Um fenômeno social” significa uma série de fatos que se produzem no espaço público (mais uma vez, é preciso que seja de interesse geral), cuja combinação e/ou encandeamento representa, de uma maneira ou de outra, uma desordem social ou um enigma (princípio de saliência) no qual o homem está implicado. “O estado de fenômeno”: significa que este já é do conhecimento da maioria. Não está ligado de maneira direta com a atualidade, mesmo quando nela está ancorado. Ela preexiste, pois ao surgimento da notícia, como uma realidade, o que justifica como não-ficção podendo ser um objeto de uma observação.

Podemos encontrar mais definições acerca da reportagem televisiva em García (1996) *apud* Gonçalves (S.D.), para quem reportagem

(...) é a narração informativa dos antecedentes, das circunstâncias e consequências previsíveis de um acontecimento. A sua forma de apresentação está próxima do documentário cinematográfico, se bem que o seu objectivo é apresentar o acontecimento com várias perspectivas e com vários depoimentos das pessoas envolvidas.

Acerca das respectivas ideias, entendemos que a reportagem televisiva tem sua funcionalidade embasada em construir depoimentos envolvendo sujeitos que são também coautores dessa produção, pois participam desse “fenômeno social”, que também se conceitua como um espetáculo configurado por imagens e sons, elementos verbais e não-verbais.

Dessa maneira, como o *corpus* da pesquisa é constituído de reportagens televisivas, portanto da esfera jornalística, compreendemos que para este estudo é necessário entendermos o comportamento da mídia enquanto propagador de informação. Como as análises são de reportagens, entendemos que a informação é uma enunciação, e esta é compreendida como uma estratégia usada pela mídia para construir uma visão de mundo sobre um fato, no sentido

de que, conforme Hernandez (2017), é atribuir valor argumentativo sobre algo, é apropriar-se disto, trazendo a visão de mundo do jornal, por exemplo.

Portanto, as mídias são esferas de poder que transmitem não informações, mas ideologias. Nas análises, podemos ver como quais ideais sobre a seca são transmitidas como informação, e investigamos o processo entre “autor” e “receptor” desse discurso da seca, ressaltando que, como diz Hernandez (2017), quem recebe a “informação” também participa do processo da comunicação como coautor, se aceita como verdadeiro aquilo que lhe é dito. Por isso, é importante que analisemos os enunciados presentes nas reportagens para discutir de que forma eles afetam os sujeitos sertanejo(a)s nordestino(a)s e a região Nordeste, se, ou não, mantendo e perpetuando estereótipos, se, ou não, fortalecendo a estigmatização sobre a região.

Nesse sentido, Fiorin (2012) diz que a enunciação é a instância de mediação não só entre língua e o discurso, mas também entre o que ele chama de virtualidades e a atualidade discursiva, o universo do discurso e sua concretização. Assim, é justamente observando as práticas sociais e as práticas discursivas que estudamos a manifestação do discurso da seca nas reportagens, pelo processo enunciativo-discursivo.

As análises estão divididas da seguinte maneira: a primeira reportagem televisiva a ser analisada é da “Gazeta de Alagoas”, no programa “ALTV 2ª”, edição exibida em 2017, após, a da reportagem do programa Alagoas Rural pelo TNH1, filial da Rede Record, e, em seguida, uma reportagem especial organizada pelo Jornal Nacional, Rede Globo, exibida em 2015, em que é construída para ser comparada à obra de Rachel de Queiroz, “O quinze”.

4.2 O *corpus* em cena

O *corpus* desta pesquisa se configura por reportagens televisivas que abordam o fenômeno climático “seca”. São 03 (três) reportagens televisivas em evidência para análise, quais sejam, 01 (uma) transmitida pela “Gazeta de Alagoas”, no “ALTV 2ª edição”, em 2017, com duração de 3 min. e 9 seg. ; outra transmitida pelo programa “Alagoas Rural” pelo portal de notícias “TNH1” com duração de 3 min. e 21 seg., no mesmo ano, e outra reportagem que faz parte de uma série especial elaborada pela “Rede Globo”, exibida no “Jornal Nacional”, em 2015, dividida em três partes, com uma duração respectivamente para primeira, segunda e terceira partes com 9 min. e 51 seg.; 7 min. e 14 seg. ; 8 min. e 35 seg.

Para análise, faço recortes de alguns trechos que também são transcritos, de modo que satisfaçam aos objetivos propostos pela pesquisa. Para procedermos a análise, tomados pelos

conceitos anteriormente já discutidos, ainda é necessário que compreendamos também alguns conceitos importantes, tais como a categoria que o gênero discursivo pertence, se oral ou escrito. Santos Filho (2016) entende que a língua é um sistema multissistêmico e que o sistema verbal é apenas um dos recursos semióticos que nós utilizamos em interações. Logo, os recursos não linguísticos são constitutivos da materialidade da enunciação, não sendo apenas complementos dos usos verbais. Configura-se o que chamamos de “multimodalidade”.

Desta maneira, o gênero oral está para textos orais, falados, enunciações orais, faladas, interações orais e faladas. Está para as enunciações que acontecem pela materialidade sonora, pela realização vocal dos sujeitos em interação, fenômeno caracterizado pelo contato face a face entre os envolvidos no discurso (SANTOS FILHO, 2016), além dos que são capturados e suportados por áudios ou vídeos.

Mas, como se constitui a reportagem televisiva? Oral ou escrita? Santos Filho (2016) argumenta que mesmo sendo face a face o gênero oral não se restringe a somente essa realização, a expressão sonora, e que é algo mais complexo, pois muitos textos orais são suportados pela tecnologia audiovisual, e, assim, são inicialmente escritos e depois oralizados, gerando a performance de uma conversa face a face, como é o caso dos textos do nosso *corpus*.

Nessa situação, “[...] na configuração dos gêneros orais, faz-se importante pontuar a relação fala e escrita, visto que existem textos que são materializados pela fala (apenas oralizados), mas de constituição escrita [...]” (SANTOS FILHO, 2016 p. 99). Assim, entendemos que para a concretização da reportagem houve uma redação, edição, profissionais como repórter, cinegrafista e os entrevistados, que não são escolhidos aleatoriamente, pois como a reportagem é uma enunciação, um texto concreto, com vida, há significados que são elaborados para resultar em determinado sentido, e o objetivo da reportagem, seu sentido, é persuadir seu telespectador por meio da informação que se quer passar a partir do recorte ideológico, em um determinado contexto social.

Dessa maneira, é possível refletir também que a compreensão do texto/enunciado, pensando neste trabalho o gênero discursivo reportagem televisiva, vai além da materialidade linguística, e que ele se configura também com recursos semióticos, como expressões faciais, posicionamentos do corpo e de partes do corpo, tais como cabeça, braços, mãos, direcionamentos do olhar, pausas, entoações enfáticas, sons musicais e enquadramento de cenas (SANTOS FILHO, 2016). Vamos à análise:

4.2.1 “A pior seca dos últimos 50 anos”

A primeira reportagem televisiva aqui analisada é da “Gazeta de Alagoas”, no programa “ALTV 2^a”, edição exibida em 2017, e tem duração de 3 min. e 9 seg. A princípio, é preciso entendermos que a TV Gazeta é uma transmissora do Estado de Alagoas afiliada da Rede Globo. Seu proprietário é o ex-presidente da República e atual senador Fernando Collor de Mello. Pertence à Organização Arnon de Mello. Além do Estado de Alagoas, outros estados podem ter acesso à emissora por meio do *site* ou *App*. Seu público em geral é constituído de pessoas adultas interessadas pelas notícias desse Estado, principalmente se considerarmos a programação que a emissora oferece.

Nessa emissora, o ALTV 2^o Edição é um programa jornalístico exibido à noite, a partir das 19 horas, horário que grande parte do seu público já chegou do trabalho e está em casa, jantando, descansando. Portanto, um programa informativo para aqueles que não possuem tempo durante o dia e não assistiram ao ALTV 1^o Edição, que é exibido ao meio dia.

A reportagem exibida pelo ALTV 2^o Edição que está aqui sob análise visa informar sobre a “seca” na região do Sertão alagoano, mas especificamente a “seca” no município de Batalha, cidade localizada no Estado de Alagoas, na mesorregião do Sertão alagoano, área que fica na faixa divisória entre as sub-regiões Agreste e Sertão, que têm características econômicas e sociais semelhantes. As primeiras cenas da reportagem são da região em área aberta, mostrando a sua vegetação, como vemos na imagem que segue:



Figura 04. Reportagem 01: “A pior seca dos últimos 50 anos”.

Disponível em <http://g1.globo.com/al/alagoas/altv-2edicao/videos/v/alagoas-enfrenta-a-pior-seca-dos-ultimos-50-anos/5566388/> acesso em 07 de fevereiro de 2020.

Em seguida, outras cenas aparecem, configurando a ideia inicial da reportagem, que é a de retratar o modo de vida de quem precisa se deslocar para buscar água em outra parte da região, para não deixar seus animais com sede. E a câmera vai focalizando o gado, como mostra a cena a seguir:



Figura 05. Reportagem 01: “cena com gado”.

Disponível em Disponível em <http://g1.globo.com/al/alagoas/altv-2edicao/videos/v/alagoas-enfrenta-a-pior-seca-dos-ultimos-50-anos/5566388/> Acesso em 07 de fevereiro de 2020.

Após mostrar a vegetação e o gado, a vez é de entrevistar quem cuida desses animais ou mora nessa região do Sertão, que, conseqüentemente, segundo a reportagem, sofre com a seca. Na próxima cena, vemos o entrevistado, com um carro de boi, transportando água.



Figura 06. Reportagem 01: “cena com carro de boi”.

Disponível em <http://g1.globo.com/al/alagoas/altv-2edicao/videos/v/alagoas-enfrenta-a-pior-seca-dos-ultimos-50-anos/5566388/> Acesso em 07 de Fevereiro de 2020.

Assim, a reportagem vai se construindo pelo relato dos moradores do local, como vemos na próxima cena. Além da fala do entrevistado, alguns recursos semióticos são utilizados, mostrando barris de água e, no fundo da imagem, um jumento, como popularmente é conhecido na região Nordeste o animal que tem como nome científico “asno”, uma subespécie doméstica do “asno-selvagem-africano”. É um mamífero perissodáctilo da família Equidae, também conhecido como burro. Possui tamanho médio, focinho e orelhas compridas e é utilizado como animal de carga pelos(as) nordestinos(as) sertanejos(as).



Figura 07. Reportagem: “cena com burro e tambor d’água”.

Disponível em <http://g1.globo.com/al/alagoas/altv-2edicao/videos/v/alagoas-enfrenta-a-pior-seca-dos-ultimos-50-anos/5566388/> Acesso em 07 de Fevereiro de 2020.

Com essas “escolhas”, a reportagem vai se referindo ao Sertão alagoano como uma região que possui seca. Mas, essa seca, desse ano, é informada como *a pior seca* dos últimos 50 anos. Ou seja, além dessa região ter seca, essa é a pior seca, **causando** sérios prejuízos a quem mora nessa região, tal como a diminuição da produção de leite, devido à morte de animais. Vemos nas próximas cenas um entrevistado mostrando ao repórter o leite de uma associação armazenado.



Figura 08. Reportagem: “Associação de leiteiros”.

Disponível em <http://g1.globo.com/al/alagoas/altv-2edicao/videos/v/alagoas-enfrenta-a-pior-seca-dos-ultimos-50-anos/5566388/> Acesso em 07 de Fevereiro de 2020.

Na sequência, continuação da cena anterior:



Figura 09. Reportagem: “Armazenagem de leite”. Disponível em <http://g1.globo.com/al/alagoas/altv-2edicao/videos/v/alagoas-enfrenta-a-pior-seca-dos-ultimos-50-anos/5566388/> Acesso em 07 de Fevereiro de 2020.

Mas o que verbalmente essa reportagem informa? Para continuidade da análise, fez-se necessária a transcrição³ de alguns trechos, visando perceber como esse gênero noticioso vai construindo a seca, como a pior seca, para validar o tema/título da reportagem, qual seja, “Alagoas enfrenta a pior seca dos últimos 50 anos”. De imediato, podemos inferir que a reportagem personifica a seca, informando que ela **mata** animais, **prejudica** agricultores e leiteiros, e **esvazia** rios. Por isso, solicita o amparo do governo para a emergência da seca, informada em alguns momentos como “estiagem”. Vejamos alguns trechos da reportagem transcritos:

Trecho 01

Apresentador:
00:00 a 00:37

((De frente às câmeras do telejornal ALTV 2ª edição, da TV Gazeta, um âncora dá a notícia. Ele está em pé com o tom de voz forte e as mãos se tocando, gesticulando as mãos, mas apenas uma com mais intensidade)) alagoas está enfrentando a piOR seca dos últimos cinquenta anos (+) mais de quarenta municípios estão em situação de emergência (+) riachos estão secos (+) e é cada vez mais difÍCIL para o sertanejo alimentar as famílias e:: até os animais (+++) nossos repórteres mostram AGOra essa triste realidade

Trecho 02

Repórter:
00:52 a 00:57

((Apenas o áudio do repórter aparece, enquanto na tela surge a imagem do rio)) nem o riacho ribeira (+) um dos afluentes do rio são francisco (+) suportou a seca

Trecho 03

Repórter:
02:29 a 02:58

((Somente o som do áudio do repórter surge, enquanto a câmera mostra imagens da paisagem)) de acordo com a defesa civil (+) quarenta municípios decretaram situação de emergÊNCIA por conta da estiagem em alagoas (+) os efeitos da falta d’água saltam aos oLHOS (+) aí está o leito do riacho que corta o povoado barreiras (+) a SECA (+) se espalhou no terreno e destruiu o pasto do gado (+) seu luís (+) está impressioNADO (+) em cinquenta e nove anos de vida nunca se viu uma seca TÃO FORte e duradoura (+) de tão desanimado com (+) a previsão do sertanejo ((com tom de voz desanimado)) não é nada boa

Vemos que para compreender a construção de significados sobre a seca na reportagem, afim de obter determinado sentido, só é possível quando analisamos o enunciado, atentando para, além da fala, também ao que é semiótica e sonoramente transmitido ao telespectador, com gestos, entonação de voz, direcionamento de olhar, entre outros aspectos, caracterizando o conceito do que denominamos de multimodalidade, no sentido de que várias modalidades de recursos semióticos no texto compõem esse enunciado.

De início, observamos o âncora passando a “notícia” com aspecto sério, ao falar com tom de voz firme, ao caracterizar a seca como “piOR” – na transcrição as letras em

³ A transcrição é necessária para percebermos como ocorre a representação gráfica de um gênero oral para o escrito, e, assim, analisarmos de que maneira o falante utilizou a língua para expressar sua fala, emoções, entonação de voz, entre outros aspectos.

maiúsculo, denotam um tom mais forte – o que permite que a informação seja repassada transmitindo uma certa segurança, o que pode fazer pensar que é algo verídico. Assim, seu público concordará com sua ideia. Quando o apresentador traz a notícia já traz também dados que provocam curiosidade no público, despertando a atenção para que essa reportagem seja assistida. Assim, já caracteriza o foco da notícia, que é sobre a seca, como “**a piOR seca dos últimos cinquenta anos**” e ainda destaca algumas situações, que, segundo o apresentador, foram provocados pela seca, tais como “**mais de quarenta municípios estão em situação de emergência (+) riachos estão secos (+) e é cada vez mais difíCIL para o sertanejo alimentar as famílias e:: até os animais**”.

Para melhor compreendermos essa reportagem, é preciso saber que em 2017, período em que a reportagem foi exibida, dados do Monitor da seca mostram uma situação diferente com relação ao que a reportagem aborda, como veremos nos mapas a seguir:

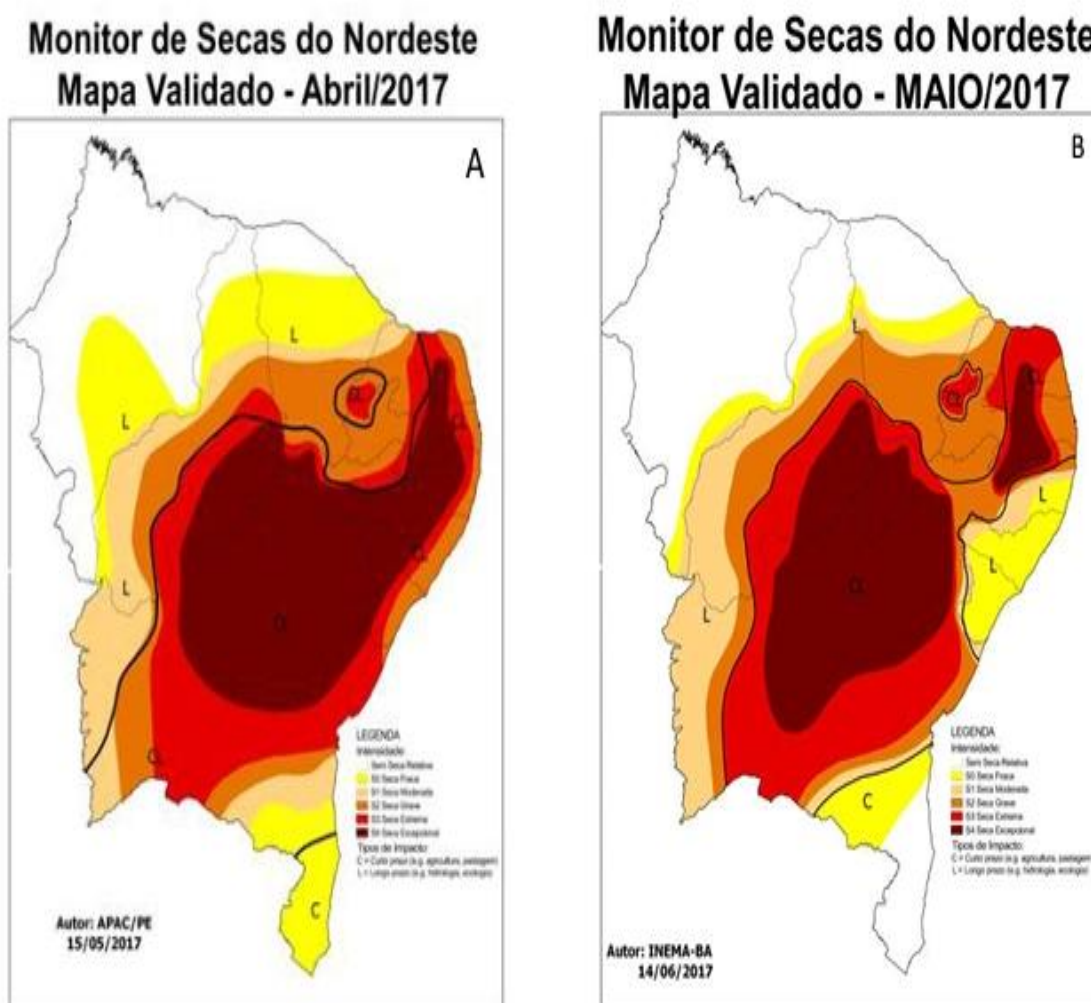


Figura 10. Mapa do Monitor de Secas em abril e maio/2017. Disponível em www.semarh.al.gov.br Acesso em 07 de fevereiro de 2020.

Segundo o Monitor das Secas (2017), nos meses em destaque, no Estado de Alagoas, foi o período em que mais houve mudanças com relação à intensidade da seca. Informa que o índice de chuvas foi grande, permitindo ocorrer o que se chama de áreas de seca fraca (S0) ou moderada (S1), devido, como informamos, ao alto índice de chuvas nesse período. No próximo mapa vemos que o estado de Alagoas praticamente está todo entre seca fraca (S0) e moderada (S1). Logo, a informação transmitida pela reportagem não tem dados científicos, visto que naquele período a seca não era **a pior seca**.

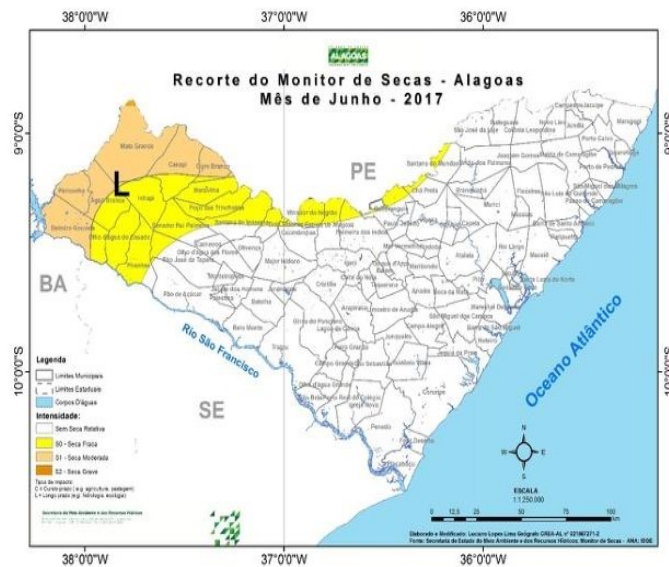


Figura 11. Mapa do Monitor de secas em maio/2017. Disponível em www.semrah.al.gov.br. Acesso 07 de Fevereiro de 2020.

Nos meses seguintes, observamos que se manteve o índice de seca fraca (S0) e moderada (S1), existindo até seca relativa em grande parte do estado.

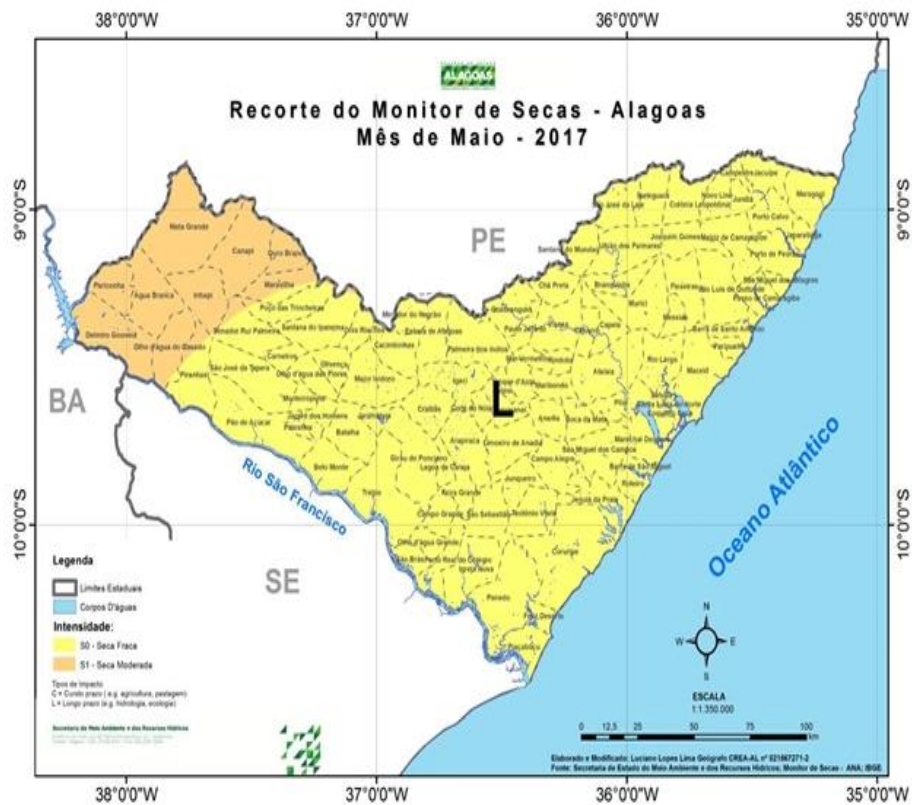


Figura 12. Mapa do Monitor de secas em junho/2017. Disponível em www.semarh.al.gov.br. Acesso 07 de Fevereiro de 2020.

Nessas próximas figuras, vemos que, de acordo com o Monitor de Secas, nos meses de maio e junho de 2017, os baixos índices de “seca” se mantiveram.

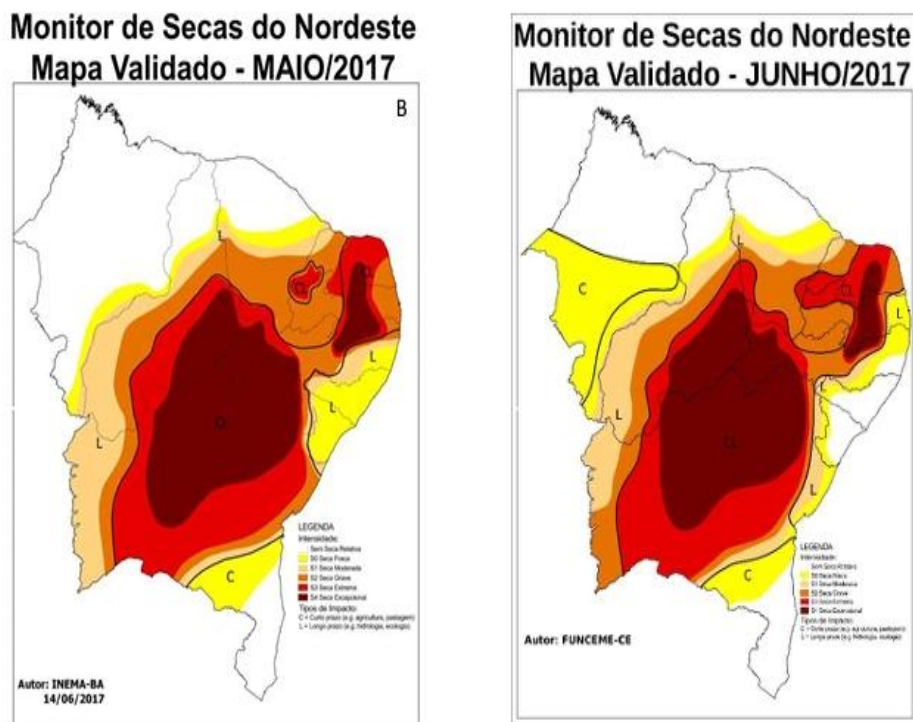


Figura 13. Mapa do Monitor de Secas maio e junho/2017. Disponível em www.semarh.al.gov.br Acesso 07 de Fevereiro de 2020.

Mesmo que os dados do Monitor da Seca mostrem que no período da reportagem a seca não é extrema, a reportagem do ALTV 2ª Edição personifica-a, em vários momentos, imputando-lhes ações de vilania. Ao enfatizar que “a SECA (+) **se espalhou** no terreno e **destruiu** o pasto do gado” e, em outro momento, “Nem o riacho ribeira (+) um dos afluentes do rio são francisco (+) suportou a seca”. Assim, o apresentador e o repórter dão ações a essa “seca” quando escolhem os verbos “espalhar” e “destruir”, por exemplo. A respeito da personificação, Antunes (2012) nos diz que o uso da palavra faz parte dos jogos discursivos que fazemos e de como as escolhemos para a construção do texto, pois, é com o léxico, é com o vocábulo, que nós construímos nossas ações linguísticas para dar corpo aos sentidos e as intenções que queremos expressar. Assim, essas “ações” dadas à “seca” não são aleatórias, fazem parte do jogo discursivo de construção da estiagem como “seca”, isto é, essas escolhas verbais e a figura de linguagem estão carregadas de sentidos que garantam que o telespectador aceite essa “informação” e acredite em seu caráter de verdade.

Em outro trecho, vemos que a seca é nomeada/ajdetivada como “**a piOR seca dos últimos cinquenta anos**” e como “**uma seca TÃO FORte e duradoura**”. Nessas escolhas, os sintagmas “a pior seca” e “seca tão forte e duradoura” são o que Antunes (2012) chama de matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem. Dessa maneira, o repórter ao utilizar determinadas escolhas lexicais para nomear e adjetivar a estiagem quer que seu telespectador produza sentidos a respeito das suas escolhas de significados, e, assim, construir para seu receptor uma imagem sobre uma seca como um problema natural.

Nesse sentido, Silva (2019) nos ajuda a refletir que a seca nessa reportagem não é tratada como um fenômeno climático em si, mas possivelmente colocada como uma ação divina, configurando-se como um castigo para a população. Todavia, já entendemos com Molion (2016) e Schistek (2018) que a seca não é um problema natural, apesar de ser construído para ser pensado como tal, tal como nesse texto jornalístico; para ser combatida. Ao contrário, entendemos que a seca deve ser convivida por meio da elaboração de políticas públicas eficazes de convivência com o semiárido. Mas, o aspecto da convivência não aparece na reportagem.

Ao contrário, na reportagem, percebermos que no trecho “de acordo com a defesa civil (+) quarenta municípios decretaram situação de emergÊNCIA por conta da estiagem em alagoas (+)”, ao ser utilizada a palavra “estiagem”, há, em alguma medida, um eufemismo, já que não foi usada a palavra “seca”. Nesse trecho, que está no início da reportagem, ainda não parece ser necessário, à produção da informação, apresentar a “seca” no sentido mais pejorativo, relacionado com fome, sede e miséria. Como a informação é sobre a situação de

emergência, que está sendo decretada pela defesa civil, de responsabilidade do estado de Alagoas, parece que não se viu como necessária, ainda, a personificação da “seca” de modo pejorativo. Ou seja, ao usar a palavra “seca” em um decreto da defesa civil seria alarmar uma situação grave para o estado, e não é isso que se busca, no documento e no momento inicial da reportagem.

Entretanto, a reportagem fortalece o argumento defendido por Albuquerque Jr. (2014), no sentido de que o discurso da “seca” é uma forma de manutenção de poder das elites nortistas, agora, alagoanas, pois usam o argumento de combate à seca para conseguir recurso, cargo e dinheiro, na promessa de sanar tal fenômeno climático, que é construído para que seja um problema natural tomado como um problema social. Quando o apresentador põe toda a culpa somente na “pior seca dos últimos 50 anos”, que é como ele a caracteriza, retira toda a responsabilidade do Estado em relação às políticas públicas sobre os habitantes desses quarenta municípios que estão em situação de emergência. Logo mais, a reportagem faz uma nomeação da situação, que é exposta como “triste realidade”, quando afirma **“nossos repórteres mostram AGora essa triste realidade”**, já permitindo que o(a) telespectador(a) construa inferências “guiadas” pelas informações sobre o fenômeno da seca que irão assistir.

Outra situação que participa da construção da “seca” em Alagoas em 2017 como vilã é o jogo de imagens que o cinegrafista faz ao permitir que apenas a voz do repórter contextualize a cena enquanto o(a) telespectador(a) fica com as imagens que sustentam aquilo que é falado pelo repórter, quando ele diz **“Nem o riacho Ribeira (+) um dos afluentes do Rio São Francisco (+) suportou a seca”**. Dá um *close* na imagem, que, propositalmente, condiz com o que o repórter fala. Aí os sentidos são sustentados por esse recurso semiótico. Por isso, segundo Santos Filho (2016), é importante perceber a sintaxe televisiva em ação, pois ela se refere às estratégias de produção de cenas televisivas, a partir da seleção de elementos que são essenciais para a produção do sentido pretendido, como enquadramento, ângulos, movimentos e transição de imagens, constituindo a edição ou a montagem da cena televisiva.

Durante a reportagem, há um conjunto de imagens em movimento que vai construindo significados acerca da “seca” para o(a) telespectador(a). Esse conjunto de imagens ou “fotografias jornalísticas” constroem a intensão de transmitir uma informação objetiva e clara, ou até de construir uma outra visão de mundo. Pelo poder midiático que possui, a reportagem está interessada não na notícia em si, mas se esta causará repercussão, ou o que comporta de drama humano (CHARANDEAU, 2006), isto é, aquilo que traz uma comoção, boa ou ruim; que atrai o ser humano pela notícia. Assim, a reportagem inventa um mundo, isto é, as mídias

fazem um recorte da realidade e toma isso como um todo para quem a recebe. É o que acontece nessa reportagem a respeito da seca em Alagoas em 2017.

Assim, com base na noção de enunciação concreta, a partir de Bakhtin (2004 [2019]), na ideia de entender o perfil psicossocial do “eu”, filiamo-nos a Bazerman (2015 p. 163), que nos diz que “os significados são construídos situacionalmente pelos participantes na interação, na medida em que interpretam a intenção nas palavras proferidas uns pelos outros”. Logo, é necessário perceber as escolhas lexicais e semióticas de modo geral que foram preferencialmente selecionadas de acordo com o gênero discursivo, no caso a reportagem televisiva, a fim de ser construído determinado sentido sobre o enunciado, tal como procedemos anteriormente. Mas, qual o perfil psicossocial do “eu” da reportagem televisiva em evidência neste momento? É de caráter econômico, educacional, informativo?

Tendo em vista isso, podemos inferir quais significados esse “eu” escolhe para dialogar com o “outro”; assim é o “eu” quem direciona o discurso, pois é ele quem faz a seleção de palavras e das imagens. Com isso, podemos perceber que o perfil psicossocial em destaque busca informar, mas entendemos que a informação não é necessariamente uma “verdade única”.

4.2.2 “Produtores do Sertão de Alagoas procuram alternativas em meio à seca”

A segunda reportagem analisada é a do programa “Alagoas Rural”, pelo “TNH1”, que é um portal de notícias da TV Pajuçara, filiada à Rede Record. Esse programa, pelo próprio nome, já dá indícios para inferirmos que se trata de um programa responsável por reportagens que tragam informação sobre o meio rural. A reportagem tem duração de 03 min. e 21 seg. e ocorre no povoado de Funil, em Batalha, em 2017. Observemos novamente, como na primeira reportagem analisada, em que o município de Batalha é citado como alvo da reportagem, justamente por sua localização na mesorregião do sertão alagoano, e assim ser propício para ser relacionado à “seca”. Inicialmente, o apresentador na bancada introduz sua fala, que em seguida é tomada pela repórter. A primeira imagem que vemos é a da paisagem com sua vegetação, e em seguida alguns animais:



Figura 14. Reportagem: “Paisagem da vegetação”.
Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oPIDxMeXM0M> Acesso em 07 de Fevereiro de 2020.

Em seguida, a reportagem já mostra essa outra imagem:



Figura 15. Reportagem: “Cena com gado próximo a cocho”.
Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oPIDxMeXM0M> Acesso em 07 de Fevereiro de 2020.

A reportagem vai trazendo a ideia de que a seca é a causadora da diminuição de palmas, que é o principal alimento para os animais, o que ocasiona a desnutrição de muitos gados. Constatamos nas próximas imagens.



Figura 16. Reportagem: “Gados comendo palma”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oPIDxMeXM0M> Acesso em 08 de Fevereiro de 2020.



Figura 17. Reportagem: “Animais comendo palma no cocho”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oPIDxMeXM0M> Acesso em 08 de Fevereiro de 2020.

A reportagem mostra em cena aberta os animais se alimentando. Em seguida, mostra a cena de um rio e de uma cruz, que fortalecem a ideia de morte e de “sofrimento” para o sujeito sertanejo(a) nordestino(a), como podemos ver:



Figura 18. Reportagem: “Produtores do Sertão de Alagoas procuram alternativas em meio a seca”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oPIDxMeXM0M> Acesso em 08 de Fevereiro de 2020.



Figura 19. Reportagem: “imagem com rio”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oPIDxMeXM0M> Acesso em 08 de Fevereiro de 2020.

Quais sentidos são produzidos sobre a seca? Para tratarmos a esse respeito, vamos também à transcrição de alguns trechos, para análise:

Trecho 04

Apresentador: ((Na bancada do programa o apresentador sentado e com as mãos sobre a mesa dá a notícia)) a seca já é uma velha conhecida dos produtores rurais (+) principalmente no agreste (+) sertão de alaGOAS (+) no povoado funil (+) em batalha (+) a escassez de chuva (+) já dura TRÊS anos ((com tom de voz surpreso)) os agricultores estão em busca de alternativas (+) para garantir (+) a sobrevivência

Inicialmente, é preciso considerarmos que, além do município de Batalha, vemos que outros municípios do estado de Alagoas estão na classificação de seca fraca (S0) e seca moderada (S1), de acordo com o Monitor de secas, quais sejam:

Santana do Ipanema	SERTÃO	S0-S1
Senador Rui Palmeira	SERTÃO	S0-S1
Anadia	AGRESTE	S0
Arapiraca	AGRESTE	S0
Atalaia	ZONA DA MATA	S0
Barra de Santo Antônio	LITORAL	S0
Barra de São Miguel	LITORAL	S0
Batalha	SERTÃO	S0
Belém	AGRESTE	S0
Belo Monte	SFCO	S0
Boca da Mata	ZONA DA MATA	S0
Branquinha	ZONA DA MATA	S0
Cacimbinhas	SERTÃO	S0

Figura 20. “Monitor de secas”. Disponível em www.semarh.al.gov.br. Acesso em 08 de Fevereiro de 2020.

No trecho “no povoado funil em batalha (+) a **escassez de chuva** (+) já dura TRÊS anos”, podemos perceber que, novamente, assim como a primeira reportagem, há o uso do eufemismo para suavizar o termo “seca”, ao utilizar como sinônimo “escassez de chuva”. Outra observação é a de que esse sintagma nos diz que a seca é a falta de chuva. Portanto, está ligada diretamente à vida rural, aos agricultores que precisam de água para irrigar a plantação. Com essa reflexão, e com base nas imagens da reportagem anteriormente mostradas, observamos que a ideia é divulgar que é a falta de chuva que traz a “seca”, que prejudica a criação de animais, e, conseqüentemente, prejudica os pecuaristas e os agricultores. É a mitologia da seca sendo informada. Mas, para Albuquerque Jr. (2014), a falta de água não é um problema só nosso. Para ele, não é reproduzindo a mitologia da seca que iremos fazer com que a região tenha melhor realidade.

Além disso, no trecho “os agricultores estão em busca de alternativas (+) para garantir (+) a sobrevivência”, podemos inferir que a falta de chuva, que provoca a “seca”, traz a morte, pois a questão é a busca dos agricultores por alternativas que garantam a sobrevivência, diante da “seca”, que, segundo informa, já dura três anos. Inferimos também que a reportagem não deixa claro de quem é essa sobrevivência, possibilitando uma ambiguidade em seu sentido pelo uso da sentença “os agricultores estão em busca de alternativas (+) para garantir (+) a sobrevivência”. É interessante analisarmos também que a reportagem data do ano de 2017, período em que o Monitor das Secas mostra que em Batalha o nível da severidade de seca é de (S0), ou seja, seca fraca, conforme vemos na imagem:

Classificação de Severidade da Seca

Categoria	Percentil	Descrição	Impactos Possíveis
S0	30 %til	Seca Fraca	Entrando em seca: veranico de curto prazo diminuindo plantio, crescimento de culturas ou pastagem. Saindo de seca: alguns déficits hídricos prolongados, pastagens ou culturas não completamente recuperadas.
S1	20 %til	Seca Moderada	Alguns danos às culturas, pastagens; córregos, reservatórios ou poços com níveis baixos, algumas falhas de água em desenvolvimento ou iminentes; restrições voluntárias de uso de água solicitadas.
S2	10 %til	Seca Grave	Perdas de cultura ou pastagens prováveis; escassez de água comuns, restrições de água impostas
S3	5 %til	Seca Extrema	Grandes perdas de culturas / pastagem; escassez de água generalizada ou restrições
S4	2 %til	Seca Excepcional	Perdas de cultura / pastagem excepcionais e generalizadas; escassez de água nos reservatórios, córregos e poços de água, criando situações de emergência.

Estágios de seca, ou categorias, as quais definem a intensidade de seca no mapa do Monitor. Fonte: Adaptado do National Drought Mitigation Center, Lincoln, Nebraska, U.S.

Figura 21. “Tabela: Monitor de Secas”. Disponível em www.semarh.al.gov.br. Acesso em 08 de Fevereiro de 2020.

Nesta tabela do Monitor de Secas, vemos como o fenômeno seca é classificado, recebendo nomeações que adjetivam o fenômeno, por exemplo, Seca Fraca, Seca Moderada, Seca Grave, Seca Extrema e Seca Excepcional. Assim, percebemos que a seca é nomeada de acordo com o grau de transtornos “provocados” por ela. Outro fator são as cores que seguem uma tonalidade de mais clara a mais escura, seguindo as adjetivações. Então, observamos que a medida que a “seca” é denominada como mais extrema a cor selecionada para determinar a “seca” segue uma coloração mais forte, construindo semioticamente uma sensação de mais quente, reforçando o argumento na reportagem da “Gazeta de Alagoas” no ALTV 2ª Edição no trecho “a piOR seca dos últimos cinquenta anos” e “uma seca TÃO FORte e duradoura”, as palavras “piOR”, “forTE” e “duradoura” remetem ao que é trazido pelo

monitor das secas ao classificar a seca em níveis. Com isso, percebemos também na outra reportagem trazida para análise nesse trabalho que no trecho “no povoado funil em batalha (+) a **escassez de chuva** (+) já dura TRÊS anos”, o sintagma “escassez de chuva” é colocado na tabela como “escassez de água” a partir do nível de Seca Moderada à Seca Excepcional. Somente na Seca Fraca a expressão é substituída por “*déficits* hídricos prolongados” numa tentativa de suavizar o termo para corresponder ao nível Seca Fraca.

Seguem as transcrições de mais alguns trechos da reportagem, voz da repórter e imagem:

Trecho 05

Repórter: ((Só a voz da repórter, enquanto a câmera mostra a paisagem)) o pouco de pasto SECO que resta na caatinga (+) os animais tentam se alimentar (+) no lugar como esse (+) onde a estiagem predomina há cerca de TRÊS ANOS ((voz de espanto)) o cenário revela a cada dia mais prejuízos com a **escaSSEZ** hídrica (+) e o produtor fica sem alternativas para manter seu rebanho



Figura 22. Reportagem: “Imagem mostrando a vegetação”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oPIDxMeXM0M> Acesso em 08 de Fevereiro de 2020.

No trecho anteriormente citado, a repórter reforça a fala do apresentador, ainda usando como sinônimo de seca a expressão “escassez hídrica”, em “**o cenário revela a cada dia mais prejuízos com a **escaSSEZ** hídrica (+)**”. Essa fala da repórter é fortalecida pela imagem, recurso semiótico que a reportagem usa para dar credibilidade à fala, ao dizer “**o cenário revela a cada dia mais prejuízos**”. Vejamos outro trecho:

Trecho 06

Entrevistado 1: ((Olhando para a repórter com uma expressão facial séria)) só vai aguentar as a zona da mata mesmo (+) que o pasto é verde (+) aqui nós no sertão (+) a gente aqui (+) é sofredor

Neste outro trecho, o “entrevistado 1” compara as sub-regiões Zona da Mata e Sertão, Zona da Mata localizada no litoral do estado e Sertão no interior dele. Vejamos o mapa:

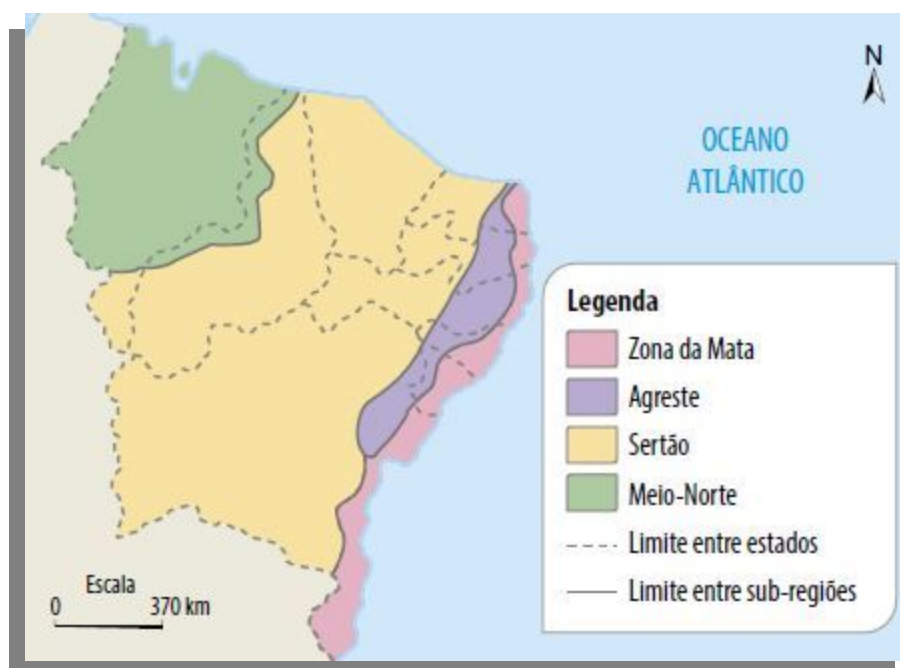


Figura 23. Mapa das Sub-regiões do Nordeste.

Disponível

em

https://www.google.com/search?q=mapa+das+sub+regi%C3%B5es+do+nordeste&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjLkaX9j8fnAhVDLbkGHeKIBLMQ_AUoAXoECA4QAw&biw=1024&bih=657#imgrc=i-o-BRxhpu8OYM. Acesso em 08 de Fevereiro de 2020.

Observamos que a sub-região Sertão é quase todo o Nordeste. Assim, qual o conceito de Sertão o entrevistado possui? Albuquerque Jr. (2017) fala da construção de um orgulho internalizado no sujeito nordestino(a), em que sobreviver na região sertão é mesmo somente para os fortes, o cabra-macho, estereótipos que circulam e são fortalecidos no imaginário das pessoas pelos mais diversos enunciados, inclusive no desta reportagem, que mantém a noção de Nordeste que maltrata seus habitantes. Albuquerque Jr. (2017) ainda diz que o Nordeste captura o conceito de sertão monopolizado pelo conceito de seca, pois, assim, o discurso da seca foi e é fundamental para estratégias políticas da região que promovam recursos financeiros para as elites nordestinas. Vejamos à fala do entrevistado 2:

Trecho 07

Entrevistado 2: ((Sério, conversando de frente com a repórter)) já enfrentei várias num (+) tem nem (+) sei dizer a:: quantas secas (+) já tive seca tivemos seca pesada (+) aqui é:: o (+) sofrimento é grande aqui nessa, nessa região só tá faltano é:: um governo ajudar um pouco né (+) eu sou empregado na, na, na (frantel) pelo menos ainda tem esse emprego (+) mas eu tava vivendo do leite (+) tava cum catorze treze vaca (+) tirava o leite mas chegou um ponto de:: fraquejar né (+) chegou um ponto de fraquejar porque não tem condição de a pessoa lutar comprando palma

Já neste outro trecho, o “entrevistado 2” trata a seca como algo a ser combatido, ao dizer que “já enfrentei várias num (+) tem nem (+) sei dizer a:: quantas secas já tive seca (+) tivemos seca pesada aqui” e caracteriza-a como “pesada”. Segundo Schistek (2017, p. 06), não existe seca, pois esta é um evento de quando “[...] numa região de precipitações normalmente regulares de repente cessa a chuva ou cai em quantidade inferior e as culturas agrícolas não conseguem completar seu ciclo”. Portanto, como combater se não existe? Para ele, o viável é conhecer o semiárido, no sentido de que temos vários recursos para monitorar as precipitações de maior volume de chuvas, e, assim, elaborar políticas públicas de convívio com o fenômeno climático do semiárido nordestino, a seca.

O apresentador iniciara sua fala definindo a seca como “velha conhecida dos produtores rurais” e que isso é mais comum no Agreste e Sertão de Alagoas, como vimos. A partir disso, podemos inferir que sendo um programa rural, seus telespectadores são agricultores, empresários do ramo agrícola que se interessam pela economia vinda da agricultura. Assim, sabemos que o Agreste nordestino possui um clima de transição entre Sertão e Zona da Mata, características que proporcionam um cultivo agrícola mais próspero. Porém, é justamente nessa região que a reportagem levanta sua problematização. Além de denominar a seca como “velha”, ou seja, “bem conhecida”, e que não é a primeira vez que é enfrentada, podemos entender que essa construção é dotada de sentidos para que o telespectador (interlocutor) faça inferências sobre o suposto sofrimento que a região passa já há algum tempo, alimentando o discurso de combate à seca.

Já sabemos que esse discurso é falacioso e não é adequado, pois aprendemos com Schistek (2017) que não se enfrenta algo que não existe, pois, a seca é um fenômeno climático, caracterizada pela falta de chuva. Assim, ele questiona “Como enfrentar algo que não existe?”. Sua alternativa é conhecer o semiárido brasileiro. Nesse sentido, para Molion (2016), seca é o fenômeno climático característico do semiárido brasileiro. Assim, conhecendo e desmistificando essa região pode-se conviver com ela. A ideia não é

desenvolver políticas públicas de enfrentamento, mas de convivência com a seca. A reportagem não contribui para esse novo olhar.

Mais adiante, o apresentador identifica a seca como sendo “escassez de chuva” e ainda determina o seu tempo de duração, enfatizando esse aspecto na sua fala, pelo tom de surpresa na voz. Completa encerrando que a solução é a busca de alternativas pelos agricultores para sobreviver. Neste recorte da reportagem, vemos que o apresentador se aproxima do que o Schistek (2017) afirmou ao falar sobre a relação de seca e chuva. Porém, ainda usa o termo “sobrevivência”, o que permite fortificar a ideia de sofrimento e até morte para quem vive nessa região.

Em outra cena, a repórter menciona transtornos que foram causados, não mais pelo termo seca, mas agora é usado “**estiagem**” e “**escassez hídrica**”, para falar sobre as dificuldades enfrentadas na região, responsabilizando tais eventos por tais sofrimentos. Como já foi dito, o programa jornalístico é para produtores rurais que cultivam em uma das regiões mais propícias ao cultivo. Logo, dizer nesse momento no enunciado que há seca nessa região seria visto como pejorativo, pois afastaria possíveis investidores. Desse modo, utilizar termos mais “leves” suaviza a situação do Agreste, podendo favorecer investimentos na região.

Assim, o produtor rural compara a sua região, Sertão, com a Zona da Mata, que dentre as quatro regiões que compõem a região Nordeste, tais como Sertão, Agreste, Meio-Norte e Zona da Mata, é a que mais sobreviverá, segundo o entrevistado, diante das dificuldades, em relação às outras regiões. Ele generaliza e estereotipa o Agreste, que viveria como o Sertão, retomando, desse modo, o discurso do Sertão como região sofredora e miserável, aquele construído pela elite nortista (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2014). Nesse discurso, onde há sofrimento é Sertão. Já ele se coloca como morador do Sertão e por isso é sofredor, quando diz “((olhando para a repórter com uma expressão facial séria)) só vai aguentar as, a zona da mata mesmo (+) que o pasto é verde (+) aqui nós no sertão (+) a gente aqui é sofredor”.

Já nessa outra cena, é usado o nome “seca” novamente. Mas, agora ela é tratada como história que sempre se repete, e para constatar tal informação, a fala do entrevistado 2 potencializa esse enunciado quando diz “((sério, conversando de frente com a repórter)) já enfrentei várias num (+) tem nem (+) sei nem dizer a:: quantas secas já tive seca (+) tivemos seca pesada aqui (+) qui é :: o (+) sofrimento é grande aqui”. Desse modo, questiona o governo pela falta de atenção para os habitantes da região. Mas, o foco é tirado quando o entrevistado retoma o discurso de “chegou um ponto de fraquejar porque não tem condição de a pessoa lutar comprando palma”. Aqui ele desabafa sua condição financeira em não poder sustentar o gado.

4.2.3 “Um século depois, o drama da seca, retratado no livro ‘O Quinze’ se repete no Ceará”

A terceira análise ocorre em uma reportagem especial, exibida em 2015, organizada pelo Jornal Nacional da Rede Globo, que é uma das emissoras de TV com maior audiência no Brasil, com transmissão nacional, e o programa Jornal Nacional é um dos programas mais consagrados da emissora, com 40 anos no ar. A reportagem em análise se divide em 03 (três) partes, tendo a duração de cada uma respectivamente de 09 min. e 51 seg.; 07 min. e 14 seg.; 8 min. e 35 seg. Foram selecionados alguns trechos para análise.

Essa reportagem é explicitamente construída para se comparar a seca atual à seca da obra de Rachel de Queiroz, “O quinze”, que faz referência à seca de 1915. Por isso, em 2015, o repórter com a sua equipe faz o mesmo percurso da família de retirantes que a autora da obra narra em sua ficção, de Quixadá a Fortaleza, no Ceará, para, assim, marcar 100 anos daquela seca. Durante a análise, percebemos que a ideia central da reportagem é construir a imagem do Nordeste contemporâneo com o discurso de Nordeste daquele do início do século XX, para ser mais exata em 1915, como é narrado na obra, que relata condições de vida precárias para o sertanejo, num contexto histórico em que a fome e a sede, consequências da “seca”, na obra da Rachel, eram tormento, que estimulava o desejo de migração.

A primeira imagem da reportagem é um recorte com o jornalista Willam Bonner, que nos traz significados importantes a partir da sintaxe televisiva: há a imagem do jornalista de pé, com a imagem da casa da infância de Rachel de Queiroz ao seu lado, enquanto ele explica como surgiu a ideia da reportagem. Logo ao término da fala dele, o cinegrafista focaliza a câmera na imagem, fazendo, assim, com que o(a) telespectador(a) “entre” na história de “O Quinze”, de Rachel de Queiroz, e também na história da reportagem, suportado pela sintaxe televisiva. Segue a imagem:



Figura 24. Reportagem: “Um século depois, o drama da seca, retratado no livro ‘O Quinze’, se repete no Ceará”. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4704081/> acesso em 29 de julho de 2018.

Segue a transcrição:

Trecho 08

Repórter:
02:29 a 03:35

((Na bancada do telejornal, estão um apresentador e uma apresentadora, o apresentador sentado e com as mãos sobre a bancada, gesticulando à direita inicia a fala sobre a seca; em seguida, a apresentadora que também está sentada apresenta o jornalista William Bonner, que foi o criador da ideia da reportagem; quando ele entra em cena está em pé, com tom de voz seguro e explica como aconteceu a criação da reportagem

((música de suspense))

((somente o áudio com a voz do repórter aparece, enquanto vemos cenas da casa de Rachel de Queiroz e imagens de uma criança simbolizando a Rachel quando morava na casa)) as paredes dessa casa guardam uma história que começou a ser imaginada há exatos cem anos (+) ((barulho de janela abrindo)) foi o barulho do sertão que alimentou a imaginação de uma menina chamada Rachel (+) ela tinha cinco anos de idade e o Ceará passava por uma das PIORes SECAS da sua história (+) tão trágica que mil novecentos e quinze passou a ser conhecido apenas por o QUINze (+) e naquela época a menina tinha dois olhos (+) um coração e janelas ((barulho de janelas se abrindo)) com o que viu (+) anos depois ela escreveu uma ficção MUITO próxima da realidade (+) um dos personagens era um homem chamado Chico Bento (+) sem chances de sobreviver ali ele pega uma mula (+) a família e resolve retirar uma viagem de duzentos quilômetros a pé (+) de Quixadá até Fortaleza (+) a saga desse retirante e o livro O Quinze que são hoje um patrimônio foram imaginados dentro dessa casa

O trecho acima é o início da reportagem em que começa o relato da história de Chico Bento enfrentando a seca considerada a pior, a de 1915. O trecho tem todo um imaginário poético ao retratar “foi o barulho do sertão que alimentou a imaginação de uma menina chamada Rachel (+)”. Assim, a reportagem se apropria de todo um enredo artístico para dizer que foi o sertão com a seca de 1915 que inspirou a obra da Rachel de Queiroz, “O Quinze”. Dessa maneira, os primeiros minutos dessa reportagem são construídos para que seja despertado no(a) telespectador(a) uma nostalgia, um sentimentalismo, uma saudade sobre o Nordeste, usando a imagem para isso, além da sonoridade por meio de músicas instrumentais. A imagem que segue é a da casa de Rachel de Queiroz quando criança, uma casa aparentemente antiga, que faz recordar um passado, possibilitando um sentimento saudosista, como vemos a seguir:



Figura 25. Reportagem: “Casa de Raquel de Queiroz”. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4704081/> Acesso em 09 de fevereiro de 2020.

Sobre saudosismo, ao se falar sobre o Nordeste, Albuquerque Jr. (2014) diz que essa região foi construída pela elite nortista como um espaço de saudade, e que é esse sentimento que constitui a nossa identidade. Além desse teor saudosista, a reportagem é narrada de maneira literária, com um trato poético e ficcioso, aspecto que é percebido no discurso do repórter, ao citar “e naquela época a menina tinha dois olhos (+) um coração e janelas”, por exemplo, dando um cunho mais poético, visando provocar através de sua fala emoções no “outro”.

Esse Nordeste do saudosismo é, segundo Albuquerque Jr (2014), internalizado, pois ninguém se considera sudestino, mas nordestino sim, pois há todo um orgulho de ser, disfarçado de estereótipo sobre esse sujeito. Por esse aspecto, nosso orgulho acaba sendo o do sol quente, do mandacaru, das sandálias de couro, dentre outros. É construída uma inversão sobre nossos valores, pois o fenômeno seca é desconectado do aspecto social e do histórico, visto apenas como uma consequência climática que afeta socialmente e historicamente o(a)s nordestino(a)s. Temos orgulho da região, da terra, daquilo que os outros (elite nortista, estado, latifundiários) dizem que somos, e é isso que constrói o ser nordestino, os estereótipos que são construídos sobre nós enquanto sujeitos sofridos, miseráveis, reforçado por conjuntos de imagens que foram criadas e alimentadas por produções literárias, sociológicas, cinematográficas, teatrais, midiáticas, artes plásticas (ALBUQUERQUE JR, 2014), e televisivas. Por isso, tais usos aparecem na constituição da reportagem.

Em sequência, há uma música de fundo com uma melodia triste, música que se soma às imagens da casa de Rachel de Queiroz, a criança representando a Rachel quando mais

jovem e à narração do repórter, além de todo o cenário do Sertão, com sua flora natural, a caatinga. Vejamos mais um trecho:

Trecho 09

Repórter:
03:42 a 04:15

((Caminhando em direção à câmera, pega sua mochila que está sobre uma cadeira e se direciona à estrada de terra como se fosse atrás de algo)) cem anos depois (+) que segredos ainda existem nesse caminho? A partir de agora a gente pisa nas pegadas de um personagem imaginário (+) numa busca pela salvação no maior impulso de vida (+) nada a partir daqui foi combinado (+) TUDO acontece ao acaso (+) quanto de mil novecentos e quinze ainda existe em dois mil e quinze? pra responder a essas perguntas começa agora (+) o quinze travessia ((música de suspense))

Inicialmente, percebemos que o propósito da reportagem é “encontrar” sujeitos, eventos e cenários parecidos com os que Rachel de Queiroz (des)escreveu em sua obra “O quinze”. Digo “encontrar” pois há uma busca por parte da reportagem em construir seu texto jornalístico usando “personagens” tirados daquele determinado recorte social para alcançar o objetivo da reportagem. Os “personagens” são sujeitos reais que também participam da reportagem como coautores, pois fazem parte do espetáculo, como afirma Ganz (S.D.) *apud* Gonçalves (S.D.). Eles são escolhidos e esse processo não é aleatório, pois sendo um enunciado (texto), na reportagem televisiva há escolhas linguísticas e semióticas, de sujeitos e cenários, que são elencadas para produzir sentidos de seca específicos no destinatário.

Em outro trecho, o repórter aparece caminhando com sua mochila para ir em busca das mesmas condições de vida do(a)s nordestino(a)s de 1915, pois seu objetivo é comparar, ou melhor, aproximar dois contextos históricos, o de 1915 com o de 2015. A todo tempo o repórter remete ao contexto da reportagem, fazendo referência ao Nordeste do início do século XX. O repórter diz também que por meio da reportagem as respostas serão encontradas.

O logotipo que segue é o da reportagem, que é apresentada como “O quinze: travessia”. O logotipo é a marca da organização, empresa, propaganda, ou neste caso uma reportagem, que promove a identidade visual daquilo que se quer propagar. Assim, a imagem se apresenta com o nome da reportagem diante da caatinga do Nordeste. Nesse cenário, é importante percebemos que a caatinga é apresentada em tonalidade marrom, simbolizando uma paisagem sem vida. Vemos que a parte verde que se permite destacar no logotipo fica praticamente escondida e a parte de cima da imagem viabiliza ao telespectador uma área mais

abrangente da região, permitindo que o “outro” do enunciado faça inferências acerca da região que será televisionada.



Figura 26. Reportagem: “O Quinze: travessia”. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4704081/>. Acesso em 29 de julho de 2018.

Com esses recursos semióticos, já podemos deduzir que a busca da reportagem será o marrom da caatinga expandido no Nordeste e a “consequência” desta tonalidade na região e nos seus moradores. Com isso, já inferimos o posicionamento da reportagem, qual seja, o de objetivar buscar regiões que não estejam com chuva, mas regiões com uma diminuição no volume das chuvas para autenticar a veracidade do interesse do texto jornalístico:

Trecho 10

Entrevistado 1: ((De frente ao repórter, apontando com a mão esquerda para uma lagoa)) essa lagoa quem o’cês tá vendo ai (+) nu ano passado num pingou uma uma gota d’água (+) não tem melhora de nada aqui não (+) a melhora é essa daqui (+) que nem o’cês tá vendo de sol a sol aqui pelejando para sobreviver e:: que vê se a gente apronta um pedaço de chão pra poder se no próximo ano (+) deus mandar um bom inverno aí (+) e a gente tá aqui dentro né

Já nesse trecho, é o “entrevistado 1” que relata a experiência com o semiárido, quando diz “que nem o’cês tá vendo de sol a sol aqui pelejando para sobreviver e:: que vê se a gente apronta um pedaço de chão pra poder se no próximo ano (+) deus mandar um bom inverno ai

(+) e a gente tá aqui dentro né”. Assim, remete à ação divina toda a responsabilidade pela solução da seca, do “sol a sol”, como é dito. É o sentido de que é por meio de um “bom inverno” que a ação divina traz chuva, que para a população pobre é sinônimo de riqueza, conforme argumenta Silva (2019).

Nesse outro trecho, inferimos que a imagem de sujeito forte, cabra macho, que é produzida sobre os sujeitos sertanejo(a)s nordestino(a)s é internalizada nos próprios sujeitos que habitam a região do Sertão. O cabra macho é uma figura masculina, inventada de forma compensatória do declínio econômico, justificando que se é macho por causa da relação com a natureza hostil, conforme Albuquerque Jr. (2017). “O entrevistado 1” ao se expressar que é preciso ter coragem remete essa coragem a Deus, mas, mais uma vez, responsabiliza a ação divina às situações que ocorrem no semiárido.

Trecho 11

Entrevistado 1: ((Gesticulando as duas mãos de frente ao repórter)) tem o sol quente (+) tem a lapada do cipó desce na cara o dia todinho que você vai levando de vez em quando dá uma lapada um cipó desse (+) aí muita gente cá coragem tá (+) é:: pôca demais aí pronto (+) aí se aborrece vai simhora e ::: num (+) enfrenta né um negócio desse (+) a gente enfrenta porque a gente tem (+) graças a Deus (+) a gente nasce com uma ponta de coragem que se num fô (+) num enfrenta não

70

Temos na sequência:

Trecho 12

Repórter: ((Voz do repórter enquanto aparece imagens de um agricultor desmatando a caatinga)) o último recurso (+) ildefonso coloca abaixo a caatinga seca para plantar quando chover (+) mas quem disse que chove?

No trecho acima, ao caracterizar caatinga com o sintagma nominal “caatinga seca” percebemos que além de atuar como protagonista de ações, o termo “seca” também adjetiva substantivos, como “caatinga”. Em outra parte do trecho, o próprio repórter duvida da vinda da chuva, com a interrogação que faz para seus telespectadores, deixando no ar que eles também concluem o mesmo, que a chuva não virá. Com o “entrevistado 1”, o repórter inicia sua fala já lamentando sobre as condições de vida das pessoas que encontram como “o último recurso (+) ildefonso coloca abaixo a caatinga seca para plantar quando chover (+) mas quem disse que chove?”. Nessa sentença, percebemos que desmatar a caatinga é uma das “soluções” apontadas pela reportagem para amenizar parte da situação, aliada com a esperança da chuva.

Ao final, o repórter enfatiza e desanima com a interrogação “mas quem disse que chove?”. Assim, o próprio “eu” alimenta a esperança no interlocutor e mostra que não é isso que ocorre, culpando a seca que se torna objeto da ação, pela falta de chuva.

Quando o “entrevistado 1” inicia sua fala cheio de esperança, mas também desconsolado com a situação, que é viver em tais condições, remete a solução à vontade divina, pois é pensado que somente pela intervenção divina o sofrimento acaba, pois, para o “entrevistado 1”, é Deus quem manda a chuva e a chuva acaba com a seca, em uma relação respectivamente de “heroína” e “vilã”.

A imagem que segue é acompanhada pela voz do repórter, numa junção de imagens atreladas à enunciação do repórter “**o suor é só esperança (+) quem sabe ano que vem**”, que reforça a fala do “entrevistado 1” sobre a vinda do próximo inverno, mandado pela vontade divina. Nesta imagem, vemos que um recurso bastante usado pelo cinegrafista é mostrar a cena de um ângulo de cima, possibilitando que o telespectador veja uma área mais abrangente da região; é a mesma ação que ocorre na apresentação do logotipo.



Figura 27. Reportagem: “Cena aberta da vegetação”. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4704081/> acesso em 29 de julho de 2018.

Adiante, ainda na fala do entrevistado 1, há a argumentação “((gesticulando as duas mãos de frente ao repórter)) tem o sol quente (+) tem a lapada do cipó desce na cara o dia todinho que você vai levando de vez em quando dá uma lapada um cipó desse (+) aí muita gente cá coragem tá (+) é:: pôca demais aí pronto (+) ai se aborrece vai simhora”. Ao se expressar desta maneira, inferimos que ele defende seu encorajamento em viver nessa situação, reformando um dos estereótipos criados sobre o nordestino, que é ser visto como

“cabra macho”, referência à figura masculina, que, segundo Albuquerque Jr. (2014), é uma forma compensatória do declínio econômico, conforme já dissemos anteriormente.

Tal pensamento, relaciona-se com o trecho em que Euclides da Cunha, em “Os Sertões”, diz que “o sertanejo é antes de tudo um forte”. Sobre isso, Albuquerque Jr. (2014) argumenta que as elites nortistas se apropriam desse sintagma e transformam o sertanejo de Euclides em sertanejo do Nordeste, numa generalização. O conceito de Sertão, assim como o de seca, é monopolizado, pois quando “Os Sertões”, de onde foi retirado a frase, foi lançado, em 1902, período em que o Nordeste enquanto espaço geopolítico nem existia. Era tudo somente Norte. A invenção do Nordeste ocorreu apenas depois da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em documento criado após a seca de 1915. Portanto, oportunidade ideal para a elite nortista se apropriar desse discurso.

Vejamos outros trechos:

Trecho 12

Repórter:
06:04 a 06:10

((Áudio do repórter e música de suspense, enquanto a câmera mostra a cena de um homem carregando madeira nas costas)) se anda muito pouco hoje para se encontrar um pedaço de asfalto (+) sendo assim tão FÁCil (+) porque resiTIR e fiCAR?

Trecho 13

Entrevistado 2:
06:13 a 06:20

((Sentado em uma carroça junto com o repórter)) tô com sessenta e cinco anos (+) foi a seca maiOR que:: eu passei na minha vida (+) foi deus que mandou mermo pra pessoa saber quem é que tem coragem de trabalhar ((música de suspense))

Vemos que o repórter faz uma crítica ao afirmar que “se anda muito pouco hoje para se encontrar um pedaço de asfalto (+) sendo assim tão FÁCil (+) porque resiTIR e fiCAR?”. Com esse enunciado, o repórter sugere ao próprio telespectador que o melhor é sair da região, isto é, “fugir da seca”, colocando-a, assim, na condição de sujeito agente da ação que causa sofrimento e provoca a migração para outras regiões. Adiante, o entrevistado 2 também enfatiza o mesmo discurso do entrevistado anterior: “tô com sessenta e cinco anos (+) foi a seca maiOR que:: eu passei na minha vida (+) foi deus que mandou mermo pra pessoa saber quem é que tem coragem de trabalhar”. Destaca sua idade e enfatiza que a seca de 2015 é a pior que já viu em todo seu tempo de vida. É interessante perceber que o entrevistado 1 se refere à vontade divina como a solução para a “seca”, pois traz chuva. No entanto, o entrevistado 2 diz que a “seca” é enviada por Deus para testar quem mora na região. Logo,

inferimos que para esses sujeitos há um vínculo entre o divino e fenômenos climáticos (chuva e seca), numa relação de castigo e salvação.

Vejamos mais um trecho:

Trecho 14

- Repórter: ((Música triste; surge a voz do repórter enquanto a próxima pessoa entrevistada surge com um balde na cabeça)) ela não sabe quantos anos tem (+) quantas secas passou (+) pra Izabel também tem asfalto (+) mas é como (+) se ele não tivesse ali
- 06:50 a 06:56
- Entrevistada 3: ((triste olhando para a câmera)) deus num mandou chuva pra gente
- 06:57 a 06:59
- Repórter: ((áudio do repórter e cenas do açude e da entrevistada olhando para ele)) o açude de onde ela pegava água secou (+) tudo envolta secou
- 07:02 a 07:05
- Entrevistada 3: ((de frente ao repórter, se lamentando)) dois cacimbão seco seco no osso (+) três açude seco seco no osso
- 07:08 a 07:13
- Repórter: ((voz do repórter enquanto a entrevistada 3 enche garrafas PETs de água)) é a batalha é diária (+) a cada dia que acorda (+) é saber (+) de ONde vai tirar a água pra beber (++) arroz e feijão todo dia só por causa da aposentadoria rural (+) porque a terra do quintal virou poeira ((voz surpresa))
- 07:15 a 07: 27
- Entrevistada 3: ((chorando)) é num foi desse ano (+) que já prantei que a gente já prantei e não deu nada (+) a pessoa quando né (+) tem raiva né (+) num sobe o sangue frevendo na cabeça (+) pois é isso
- 07:30 a 07:41
- Repórter: ((surge a voz do repórter enquanto a entrevistada mexe na terra com as mãos)) ficar aqui (+) e lidar com a terra é uma batalha
- 07:43 a 07:46

Após uma sequência de entrevistados que contam suas situações, a entrevistada 3 é a que mais expressa emoções. Ela chora. A primeira imagem dela é carregando um balde d'água na cabeça, atividade que força o indivíduo a transportar água, permitindo o telespectador fazer entender que está ocorrendo falta d'água. Em seguida, novamente a entrevistada 3 faz como o entrevistado 1, direciona a solução para a seca, através da chuva, e a chuva por intermédio divino.

O repórter utiliza o léxico “sec-”, do verbo “secar”, em “o açude de onde ela pegava água **secou** (+) tudo envolta **secou**”. Assim, vemos que o repórter faz essa escolha lexical por que possibilita associar a evaporação da água do açude ao fenômeno climático seca, fato que lhe permite essa escolha lexical, proporcionando que a seca seja objeto de ação, pois ela fez ação de “secar”, tendo como paciente, o que sofreu a ação da seca, o açude. Depois, a entrevistada 3 também usa o léxico “sec-”, mas agora para a palavra “seco”, não mais como objeto da ação, e sim para caracterizar o açude.

Ao final da fala da entrevistada 3, o repórter diz “ficar aqui (+) e lidar com a terra é uma batalha”. Além de comparar contextos históricos diferentes, 2015 com 1915, a reportagem também nutre o desejo de migrar abordado na obra da Rachel de Queiroz pelo

personagem Chico Bento, em decorrência da seca do Sertão, do Nordeste, que é reforçada, como vimos anteriormente. Adiante, vemos outros trechos transcritos e imagens que nos direciona a isso:

Trecho 15

Repórter: (Caminhando em direção à câmera) com a seca (+) sem comida (+) sem dinheiro (+) Chico Bento tinha pouco tempo para pensar (+) e nenhuma opção (+) mas e agora? E os Chicos Bentos de hoje? Que os motiva a ficar? Que os impede de sair? O desejo de deixar o Sertão (+) já tava no livro da Rachel de Queiroz há 100 anos

Nesse trecho, após as entrevistas, o repórter segue a reportagem, mas agora também com o discurso de migração, a retirada, que é o ato de mudar-se de uma região a outra, mas dentro do país. A migração/retirada foi ponto relevante na obra da Rachel de Queiroz com o personagem Chico Bento, que, fugindo da seca de 1915, buscava alternativa de vida em Fortaleza. Neste momento, o repórter questiona ao telespectador: “mas e agora? E os Chicos Bentos de hoje? Que os motiva a ficar? Que os impede de sair? O desejo de deixar o Sertão (+) já tava no livro da Rachel de Queiroz há 100 anos”. Com essa fala, ele também defende que o objetivo é encontrar Chicos Bentos como os da obra de Rachel, ambiciosos para sair da região. Continua as entrevistas:

74

Trecho 16

Entrevistado 4: ((Na porta de sua casa)) essa cisterna foi uma bênção (++) por que só a gente apesar de ter (+) essa cisterna cheia d' água para a gente cozinhar e beber né (+) da água da chuva (+) a coisa que aqui é a coisa mais difícil (+) é ter água aqui

A “entrevistada 4” traz algo de interessante para ser observado, pois ela participa de um programa social organizado pelo Governo Federal de distribuição de cisternas no semiárido brasileiro. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social, as cisternas são direcionadas a “famílias rurais de baixa renda atingidas pela seca ou falta regular de água, com prioridade para povos e comunidades tradicionais.” (MDS, 2018). Logo, é algo positivo com relação ao convívio com o semiárido. É ação de uma política pública que faz mais sentido, já que não visa enfrentar a seca, mas possibilitar a convivência com o fenômeno climático natural característico da região. Segue o diálogo do repórter com os entrevistados 5 e 6:

Trecho 17

- Repórter: 05:00 a 05:16 ((Áudio do repórter enquanto são mostradas cenas de crianças brincando montadas em jumentos e também são mostradas placas de “vende-se” em casas)) hoje não há mais fome pelo caminho (+) o índice de mortalidade infantil nessa região é o mesmo do resto do país (++) e se a vida melhorou um pouco porque tanta gente quer se mudar? (+) a mãe da Claudiane se mudou (+) antes mesmo de conseguir vender essa casa
- Entrevistado 5: 05:18 a 05:28 criou nós tudim aqui:: e agora foi necessário ela se mudar (+) porque tem os menino pequeno (+) e já são de idade né (+) não pode mais tá carregando água (+) aí foi o jeito
- Repórter: 05: 33 a 05: 34 ((caminhando em direção a uma casa, onde está o próximo entrevistado)) como é que é o senhor tá pensando em se mudar?
- Entrevistado 6: 05:34 a 05:40 É pá se mudar pá ficar mais próximo da água né (+) tá difíCIL (+) aqui quase toda casa tá a venda
- Repórter: 05:43 a 05:57 ((música triste e a voz do repórter enquanto a câmera foca no rosto do entrevistado 6)) o nome dele também é chico (+) ele também pensa em partir (++) trabalha na construção (+) mas sem água (+) quem é que constrói? a diferença da história (+) é que hoje ele pode esperar ((música triste))
- Repórter: 06:00 a 06:02 ((com as mãos cruzadas olhando para o entrevistado 6)) fome (+) é:: hoje em dia ninguém não passa mais?
- Entrevistado 6: 06:03 a 06:04 Não (+) passa mais não (+)
- Repórter: 06:05 a 06:06 Antigamente passava né
- Entrevistado 6: 06:07 a 06:08 antigamente passava fome né
- Repórter: 06:09 a 06: 10 E por que não passa mais?
- Entrevistado 6: 06:10 a 06:22 Porque (+) tem o seguro safra (+) tem é:: bolsa escola né (+) é por isso que num existe mais a fome né do que primeiro tinha (+) o pessoal passava fome de primeiro né (+) e agora num passa mais não (+) dificuldade mais pôca né
- Repórter: 06:26 a 06:30 ((repórter falando enquanto a câmera focaliza a caatinga)) mesmo assim (+) a vontade de sair continua (+) como a que escreveu Rachel de Queiroz

Com o “entrevistado 5”, o repórter fala sobre a migração dos moradores, realidade visível com praticamente todas as casas com a placa de “a venda”. Já com o “entrevistado 6”, há a coincidência dele ter o mesmo nome do personagem Chico Bento, da obra de Rachel de Queiroz, semelhança perfeita para que o repórter surja novamente com o discurso de comparação entre os sujeitos de contextos históricos diferentes. Ao entrevistá-lo, o repórter tenta perceber o que mudou, e se mudou, entre os contextos de 1915 e 2015, fazendo perguntas do tipo “Antigamente passava né?”, para a qual recebe a resposta: “antigamente passava fome né”. O repórter insiste: “e por que não passa mais?”. “porque (+) tem o seguro

safra (+) tem é:: bolsa escola né (+) é por isso que num existe mais a fome né do que primeiro tinha (+) o pessoal passava fome de primeiro né (+) e agora num passa mais não (+) dificuldade mais pôca né”. Mas, mesmo após o entrevistado 6 dizer que as condições de vida estão melhores, o repórter prossegue com “mesmo assim (+) a vontade de sair continua (+) como a que escreveu Rachel de Queiroz”, (re)forçando a comparação do enredo da obra “O quinze” com o ano de 2015. É a manutenção do discurso da seca como a vilã do Nordeste.

Vejamos mais uma entrevista:

Trecho 18

- Entrevistado 7: ((com uma criança de em média 5 anos em seu colo, sentada no batente de uma casa)) você tá muito sujinho (+) sem água para tomar banho (+) oh o jeito dele (risos)
06:43 a 06:46
- Repórter: ((somente a voz do repórter enquanto a câmera foca na criança)) tá tomando bastante banho?
06:51 a 06:52
- Criança: ((em pé balançando a cabeça faz sinal positivo)) sim ((risos))
06:51 a 06:52
- Entrevistado 7: ((passando a mão na criança e rindo)) se não tem água (+) como é que tu tá tomando banho?
06:53 a 06:57
- Criança: [Na chuva ((a criança rouba o turno de fala da entrevistada 7 e grita))
- Entrevistado 7: ((somente a voz enquanto surge cenas de um mandacaru e o som de uma música triste)) na chuva?! (+) Nois ainda tamo esperando a chuva ((música triste))
07:00 a 07:03

Nessa outra cena, a entrevistada é uma mulher grávida, que conversa com uma criança de em média 5 anos e a faz perguntas sobre a condição de higiene da criança por conta da falta d'água. Logo após, é o repórter que começa a questionar a criança se está tomando banho ou não. Ao colocar em cena criança e mulher grávida, permite-nos inferir a tentativa da reportagem de sensibilizar seu telespectador, visto que pessoas com essas características possuem prioridades diante de outras que não se encontram no mesmo estado que elas. A seca é coloca em condição de vilã novamente.

Vejamos mais entrevista:

Trecho 19

- Repórter: ((enquanto surge a voz do repórter, o próximo entrevistado caminha entre as águas de um rio)) se na hora de cruzar o rio (+) a água quase no joelho (+) e logo depois a lama do fundo quase faz atolAR (++) é motivo para comemorar?
00:08 a 00:16

Entrevistado 8: dia sim dia não e:: eu apanho um feijãozim (+) arranco uma batatinha (+) uma macaxeira uma coisa es::perando vai escapando
00:20 a 00:27

Repórter: escaPANDO (+) o LIMite (+) a falta de chuva secou o açude (+) e revelou um terreno fértil (+) um dos únicos pedaços onde ainda dá pra plantar
00:30 a 00:40

O “entrevistado 8” fala que há possibilidade de plantar e colher, sendo possível graças ao solo fértil do rio que diminuiu seu nível. Mas, isso é questionado pelo repórter, quando realiza a pergunta ao telespectador sobre essa possibilidade ser ou não motivo de comemorar, pois apesar de ter alimentos, o destaque é a seca, que é o objeto da reportagem, considerada a culpada pela diminuição da vazão do rio. Ao destacar as palavras “escapando” e “limite” a reportagem faz uma referência à resistência dos “sobreviventes” a essas circunstâncias. O sertanejo forte é trazido à cena, novamente, como resistente à seca.

Segue com as entrevistas, agora em uma feira livre:

Trecho 20

Repórter: ((surge a voz do repórter e cenas de pessoas na feira e no fundo uma música de forró, que faz referência a viver no centro urbano, mas o destaque é ser do interior, uma “valorização” do indivíduo somente por sua regionalidade)) se você fosse jovem aqui (+) o que pensaria do futuro? ((o repórter prossegue fazendo perguntas)) deixa eu te perguntar (+) você tem um sonho?
00:30 a 00:40

Entrevistado 8: tenho ((meio sem graça responde))

Entrevistado 9: todo mundo tem

Repórter: ((somente a voz)) são TOdos muito parecidos ((música de fundo))

Entrevistado 10: ((em pé de frente ao repórter)) eu faço faculdade de ciências contábeis (+) tô concluindo (+) é um sonho né (+) de criança (+) acho que:: o objetivo de:: crescer (+) na vida né
02:16 a 02:21

Entrevistada 11: infelizmente na época do meu pai ele:: não teve oportunidade (+) por isso hoje (+) graças ao trabalho dele (+) ele trabalha bastante e é muito organizado (+) aí ele conseguiu é:: colocar nos duas (+) fazer com que a gente concluísse os estudos (+) esteja concluindo né (+) e conseguir muito mais (+) pra voltar pra ele né
02:23 a 02:40

Repórter: [você quer ficar aqui (+) ou quer sair de Baturité? ((voz do repórter enquanto a câmera mostra a próxima entrevistada))
02:41 a 02:42

Entrevistada 12: não (+) eu quero ficar aqui em Baturité mesmo
02:43 a 02: 45

Entrevistada 13: o futuro é crescer aqui (+) e se tornar um bom profissional na cidade né
02:47 a 02:52

Essas cenas são acompanhadas por um fundo musical, estilo forró. A letra da música remete a quem nasce na zona rural e vai morar na cidade, mas continua com suas raízes de vaqueiro, um tipo de profissão que ao longo do tempo foi sendo moldada a um esporte, a vaquejada, ou a um *hobby* de algumas pessoas que vivem no Sertão. Assim, foi sendo construído um personagem, como a imagem de cangaceiro, por exemplo. A escolha da música de fundo não foi aleatória, pois seus significados permitem que associemos ao intuito inicial da reportagem, qual seja, o de falar da seca e comparar os contextos de 2015 e 1915.

No início, o repórter faz uma pergunta retórica: “se você fosse jovem aqui (+) o que pensaria do futuro?”. Tal pergunta é direcionada diretamente ao telespectador para quem é destinada a reportagem, permitindo-lhe pensar sobre o Nordeste como região da seca. Em seguida com diversos entrevistados jovens faz perguntas sobre os sonhos de cada um. Mas, o que a reportagem realmente quer é deixar subentendido que viver no Sertão é motivo de impedir sonhos, ou a concretude deles. A resposta dos jovens nordestinos não era o esperado, pois muitos não pensam em sair e já cursam uma faculdade.

A reportagem prossegue, porém, é o repórter que fala seu parecer sobre as condições de vida dos sertanejos, conforme o trecho transcrito:

Trecho 21

Repórter: ((áudio do repórter enquanto aparece cenas de carros na estrada)) fortaleza é o primeiro destino de quem corre da seca no Ceará (+) aqui também era o destino do personagem Chico Bento (+) de O Quinze

No trecho acima, vemos que o discurso muda em relação ao anterior sobre sonhos e como ser jovem nessa região. Novamente, a obra de Rachel de Queiroz é citada para comparar ao contexto social de 2015, pois quem “corre da seca” em 2015 no Ceará, como diz o repórter, segue o exemplo de Chico Bento, de “O quinze”. Faz constantes comparações entre esses dois contextos históricos. As imagens e as escolhas de sintaxe televisiva são usadas também para esse fim:



Figura 28. Reportagem: “Imagem da terra rachada”, se repete no Ceará”. Disponível em <http://g1.globo.com/ceara/bom-dia-ce/videos/v/acompanhe-ultima-parte-da-serie-especial-o-quinze-travessia/4709148/>.

Acesso em 31 de julho de 2018.

A imagem acima aparece quando somente a voz do repórter está no ar, em momento em que lê partes da obra “O Quinze”: “quem discorda que dois mil e quinze poderia ser chamado outra vez de o quinze (+) esse foi o quinze da vida de muita gente e o cenário descrito por Rachel de Queiroz no Ceará agora foi visto por todo Brasil ((enquanto lê uma parte de O Quinze a câmera destaca algumas imagens)) o próprio leito das lagoas virará torrões de lama”. Essa fala do repórter ao ler parte de “O Quinze” é suportada pela imagem, que possibilita ao telespectador “acreditar” no que está sendo transmitida a “verdade”.

A manutenção do discurso da seca prossegue na reportagem, com fala, entrevista e imagem:

Trecho 22

Repórter:
05:38 a 06:29

((imagens de pessoas na caatinga cortando madeira)) quem discorda que dois mil e quinze poderia ser chamado outra vez de:: o quinZE (+) esse foi O quinZE da vida de muita gente (+) e o cenário descrito por Rachel de Queiroz no Ceará (+) agora foi visto por todo Brasil (+) ((imagens de pessoas na caatinga cortando madeira; enquanto lê uma parte de O quinze a câmera destaca algumas imagens)) o próprio leito das lagoas (+) virará torrões de lama (+) cortada aqui e além (+) por algumas capivara defunta que retorcia as folhas empapeladas (++) cantareira (+) paraíba do sul (+) furnas (+) no ceará o quinZE (+) parece que nunca deixou de existir (+) pelo menos na vida dos que fugiram da seca (++) hoje se misturam à cidade (+) nas periferias (+)

Entrevistado 14: ((com expressão áspera)) não (+) eu vim porque lá (+) sirviço não tem né (+)
06:30 a 06:36 água não tem (+) aí tem que vi pra cá (+) pra ganhá o pão



Figura 29. Reportagem: “Imagem de mandacaru”, se repete no Ceará”. Disponível em <http://g1.globo.com/ceara/bom-dia-ce/videos/v/acompanhe-ultima-parte-da-serie-especial-o-quinze-travessia/4709148/> acesso em 31 de julho de 2018.

Essa outra imagem mostra a caatinga e suporta a fala do repórter, quando diz “cortada aqui e além por alguma capivara defunta que retorcia as folhas empapeladas”, folhas que não possuem mais vida, e fazem o mesmo som de um papel amassado. Já a imagem abaixo é uma cena da cidade de Fortaleza. Nela, há um homem caído ao chão, aparentemente alguém sem moradia, talvez embriagado, que acabou dormindo na rua.



Figura 30. Reportagem: “Imagem de homem deitado no chão”, se repete no Ceará”. Disponível em <http://g1.globo.com/ceara/bom-dia-ce/videos/v/acompanhe-ultima-parte-da-serie-especial-o-quinze-travessia/4709148/>. Acesso em 31 de julho de 2018.

Ao mostrar a imagem com a fala “O quinze parece que nunca deixou de existir pelo menos na vida dos que fugiram da seca hoje se misturam a cidade nas periferias”, coloca o sertanejo/nordestino marcado para sempre como aquele que sofreu com a seca, e que por isso nunca terá oportunidade de conseguir um emprego melhor, uma estabilização. Assim, na reportagem não se considera que a “seca” é uma questão climática da região. Da maneira como a reportagem é construída, a seca se torna um dado natural e problemático, pois se desconecta totalmente do fator clima, para destacar a região, os sujeitos, construir e perpetuar um cenário vitimizador, causado pelo semiárido brasileiro.

A partir das imagens que o repórter traz, podemos levantar alguns apontamentos, no sentido de que talvez esse homem caído ao chão nem seja nordestino. Então, por que dizer que é e generalizar todo(a)s o(a)s nordestino(a)s? A reportagem ainda busca sensibilizar com a imagem desumana do homem caído no chão. Esse texto jornalístico conclui que toda busca por uma vida “melhor” não foi o esperado, mesmo após passar tanto sofrimento no interior, como vimos no decorrer da reportagem, mas por uma questão de lugar, de onde sou. Não importa onde estou, mas de onde vim, pois ser da região da “seca”, ou quem “fugiu da seca” é ser marcado pelos que alimentam, fala pelas vozes da modernidade e nutre o discurso de nordeste/sertão sofredor e miserável, periférico.

Dessa forma, em nossas análises, percebemos que na primeira reportagem televisiva exibida pela Gazeta de Alagoas, no programa ALTV 2ª Edição, há uma abordagem sobre a

seca que a constrói para os telespectadores por meio de imagens, sons e diálogos que fazem inferências sobre uma seca vilã, que castiga o povo sertanejo/nordestino. Ao longo da reportagem, são mostradas situações que culpabilizam a seca como a responsável pela diminuição de produção de leite e da falta d'água, sendo, então, necessário utilizar carros de boi para o transporte de água e leite a outros lugares.

Na segunda, reportagem transmitida pelo portal de notícias TNH1, pelo programa “Alagoas Rural”, a noção de seca que se constrói permanece sendo a que analisamos na primeira reportagem, pois o discurso de seca como problematizadora é validado por todas as reportagens, inclusive a terceira reportagem deste trabalho, “O quinze: travessia”. Contudo, o programa “Alagoas Rural” exhibe informações da situação de alguns agricultores da região de Batalha, cidade que também é abordada na primeira reportagem. Assim, essa cidade não é escolhida aleatoriamente, mas devido a sua localização mesorregional, entre Sertão e Agreste. A reportagem vitimiza os agricultores já no título, “Produtores do Sertão de Alagoas procuram alternativas em meio à seca”. Em outro momento, na fala do apresentador, quando diz “os agricultores estão em busca de alternativas (+) para garantir (+) a sobrevivência”, observamos que tanto na fala do apresentador quanto no título da reportagem os sintagmas produzem sentidos semelhantes, porém, há substituições de alguns termos, por exemplo, “a troca de alternativas em meio à seca” por “alternativas para garantir a sobrevivência”. Portanto, “seca” no primeiro sintagma seria o oposto de “sobrevivência”, no segundo. É possível percebermos nas análises também que as três reportagens utilizam termos eufemistas para dizer sobre a seca, antes de tratá-la como um problema social. Certamente, isso ocorre como uma forma das reportagens cativar o outro do enunciado, afim de prendê-lo no texto televisivo e iniciar sua construção de sentidos a partir do que está sendo visto por ele.

A terceira reportagem, “O quinze: Travessia”, inspirada no livro de Raquel de Queiroz, traz uma noção de seca que foi escrita no livro da Raquel, em que essa autora “retrata” uma seca datada em 1915. O objetivo é construir uma reportagem dividida em 03 (três) partes e enfatizar que a seca que Raquel de Queiroz aborda no seu livro, em 1915, ainda permanece causando “males” ao povo do Ceará, como se o momento histórico do início do século XX ainda perpassasse pelo contexto social de 2015, ano que a reportagem foi exibida. A literatura possibilita que tratemos a noção de língua enquanto representação da realidade, enfatizando que a literatura aborda a “verdade” sobre contextos reais dos indivíduos. Contudo, a noção de língua que assumo nesta pesquisa é a de que há uma construção entre os sujeitos e seus contextos reais e não uma representação, mas uma ação via linguagem.

Assim, a seca é construída nessas reportagens como um problema social, que devasta animais e plantações e prejudica os habitantes sertanejos, numa perpetuação de estigmatização da região sertão/Nordeste. Portanto, a seca é construída também como objeto que delimita tempo e momento histórico, construindo a região como arcaica, sem mudança, que parou no tempo (ALBUQUERQUE JR, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas considerações “finais” desta pesquisa, compreendo que produzir um estudo é uma prática que transforma quem pesquisa e quem a lê, no sentido de que toda pesquisa está para um “outro”, que atribui valor ao texto, produzindo sentidos sobre ele. A partir disso, eu, como pesquisadora, pude perceber que ao longo dessa “trajetória” de pesquisa me des(construí) de vários modos, no sentido de que, como Moita Lopes (2004) afirma, não somos neutros à pesquisa.

Ao participar como colaboradora no Grupo de Estudo em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL), sob a orientação do professor doutor Ismar Inácio dos Santos, ressignifiquei vários conceitos que estavam internalizados, a respeito do que seria ser delmireense, alagoana, sertaneja, nordestina. Sim, eu antes de pesquisar sobre Sertão/Semiárido/Nordeste entendia que ser nordestina era atributo de orgulho e fortaleza, direcionando tais características somente à questão da “seca”. O discurso regionalista era algo que habitava em mim, difícil até de compreender inicialmente a respeito das discussões no grupo de estudos. Porém, a cada reunião e na escrita desse texto eu ansiava por entender mais e ressignificar meus conceitos, pois a pesquisa é um modo de construir a vida social ao tentar entendê-la. Assim, vejo-me antes e depois da minha participação como colaboradora no Pibic e produtora deste estudo.

Por meio da pesquisa também descobri como direcionamento epistemológico a Linguística Aplicada, campo inter/indisciplinar que me possibilitou construir uma pesquisa indisciplinar e inovadora sobre textos em perspectiva enunciativo-discursivo, a respeito da região Nordeste, numa relação endógena entre sertão/semiárido/Nordeste. Compreendo que a LA estuda a relação de práticas sociais específicas por meio de práticas discursivas, entendendo seu processo de língua(gem) como algo não neutro, mas, atrelado às relações de políticas e poder.

Nessa direção, o discurso produzido sobre a seca nas reportagens televisivas analisadas parte de uma estigmatização e de um estereótipo sobre a região Nordeste, o semiárido e o Sertão, devido ao seu fenômeno climático, a seca (MOLION, 2016). Essa estereotipia se deu por meio de construções discursivas nas quais as reportagens intensificaram esse discurso a partir do momento em que enunciam a seca como vilã.

Neste trabalho, a partir da análise, posso concluir que as reportagens seguem um padrão para dizer como a seca ocorre no sertão nordestino, qual seja, constroem

discursivamente a seca, inicialmente, buscando o eufemismo, suavizando o termo “seca” pelo uso de “escassez de chuva” e ou “estiagem”. Em seguida, forja-se uma personificação da seca, na qual é trazido o uso de palavras que denotam ações ou propriedades, tais como “espalhou”, “destruiu”, “secou”, “duradoura”, “velha conhecida”, entre outras. Por fim, as reportagens fazem referência à seca como um castigo divino. Assim, restaria apenas à alternativa, para os sujeitos sertanejos(as) nordestinos(as), de manter a esperança de que uma ação divina possa intervir e solucionar a questão da seca, trazendo chuva, da mesma maneira que teria sido a própria ação divina que trouxe a seca como castigo.

Assim, compreendo também que nesse discurso estão subjacentes as políticas públicas, que são pensadas pelo Estado como combate à seca, já que dessa maneira se tornam um argumento para garantia de mais verbas, investimentos, cargos e privilégios para o próprio Estado e sua elite, na promessa de acabar com a seca, mas com o objetivo de perpetuar e manter seus privilégios econômicos. Nesse sentido, o Estado é um campo de batalha, em que as elites estão sempre em busca do poder (ALBUQUERQUE JR, 2017) e a seca foi e ainda é, como podemos ler nas reportagens, o argumento fundamental para se conseguir e manter as estratégias políticas da região do Nordeste, desde há muito tempo.

O discurso de combate à seca que se apresenta nas reportagens vem se perpetuando por mais de um século e continua, mas a “seca” é algo que não irá acabar, porque não se pode enfrentar algo que não existe, conforme Schistek (2017), pois a seca é somente a falta de chuva. A grande questão é a criação de políticas públicas, mas, que sejam de convívio com o semiárido brasileiro, tais como a de uso das cisternas que armazenam água para os períodos mais secos. Desse modo, percebemos que a seca é o argumento fundamental usado em um discurso de estigmatização por causa do clima semiárido que possui o sertão nordestino, pois seu fenômeno enquanto ação climática é a rápida evaporação de água das chuvas, rios, lagos, entre outros. Mas, faltam políticas públicas para a convivência.

Portanto, a seca é trazida como problema natural, que se torna social, nas reportagens. Mas, ao longo delas há certa suavização com expressões linguísticas e semióticas que trazem outras informações, que seria o que Charaudeau (2006) chama de enunciações disfarçadas, pois o interesse mesmo é usar a seca como recurso principal de atração para o “outro” destes enunciados, isto é, o telespectador.

Assim, ao invés de ser tratada como um dado climático, a seca, que é a característica semiárida do Sertão, é construída por discursos enquanto problema social, fortalecendo o discurso regionalista criado sobre a seca e a região nordestina no início do século XX pela elite nortista. Essa elite tem se perpetuado contemporaneamente como o Estado e a mídia,

entre outros(as), pois possui interesses egocêntricos e econômicos, utilizando-se da seca como objeto de recurso para obter verbas e investimento, com um discurso de enfrentamento em uma região que precisa de políticas públicas de convivência com seu clima.

Com isso, eu, enquanto professora sertaneja e nordestina, ao realizar esta pesquisa me permiti trazer outros modos de pensar sobre minha região, e assim poder desmistificar para meus futuros alunos e futuras alunas e nas minhas relações sociais que não somos fortes porque moramos em uma região semiárida, mas sim porque lutamos por um mundo mais justo para aqueles que estão à margem, nas fronteiras sociais. Coloco-me na fronteira, como afirma Moita Lopes (2013), para realizar uma pesquisa que faça sentido a nosso tempo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz: é preciso dissolver esse Nordeste! (entrevista) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t_Z_e-EK19Y> Acesso em 22 de março de 2017.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Café filosófico com Durval Muniz. (entrevista). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_nGHeVZZmHM_> Acesso em 19 de maio de 2018.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Entre um café, uma prosa com Durval Muniz - parte 1. (entrevista). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=j74HtEJS48U>> Acesso e 22 de maio de 2018.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Entre um café, uma prosa com Durval Muniz – parte 2. (entrevista). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=epc3cnILBf8>> Acesso em 06 de junho de 2018.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. A poesia do sol: o discurso popular sobre a seca. In: SILVA, Gian Carlos de Melo; GOMES, Gustavo Manoel da Silva (Org). Memória, história e cordel em Alagoas: teorias, práticas e experiências. Maceió. EDUFAL, 2014.

ALAGOAS ENFRENTA A PIOR SECA DOS ÚLTIMOS 50 ANOS. ALTV 2ª Edição: Duração 3 min. e 9 seg. Disponível em <http://g1.globo.com/al/alagoas/altv-2edicao/videos/v/alagoas-enfrenta-a-pior-seca-dos-ultimos-50-anos/5566388/> Acesso em 16 de abril de 2018.

ART. 221. Atividade Legislativa. Disponível em <http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_06.12.2017/art_221_.asp> Acesso em 07 de junho de 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail.(VOLOCHÍNOV). Língua, fala e enunciação. In.: _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13 ed. Hucitec Editora: São Paulo, 2012. p. 93-113.

BAZERMAN, Charles. Enunciados e seus significados. In.: _____. **Teoria da ação letrada**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 163-180.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Postulados do paradigma interpretativista. In.: _____. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (p. 31-40)

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In.: _____. **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2 ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005 (p. 87-98).

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, José Luíz. Da necessidade de distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, B. & SOUZAe-SILVA, M.C. (Orgs.). *Texto ou discurso?* São Paulo: Contexto, 2012. (145-165 p.)

GONÇALVES, Elisabete. **A reportagem na televisão**. Disponível em <<http://www.ipv.pt/forumedia/4/17.htm>> .

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques: o que o jornal, revista, TV, rádio e internet faem para captar e manter a atenção do público**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MAGALHÃES, Antonio Rocha. Vida e seca no Brasil. In.: _____. **Secas no Brasil: política e gestão proativas**. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. Banco Mundial, 2016. (21-37 p.)

MAPA DAS SUB-REGIÕES DO NORDESTE. Disponível em <https://www.google.com/search?q=mapa+das+sub+regi%C3%B5es+do+nordeste&source=l nms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjLkaX9j8fnAhVDLbkGHeKIBLMQ_AUoAXoECA4 QAw&biw=1024&bih=657#imgrc=i-o-BRxhpu8OYM> Acesso em 08 de Fevereiro de 2020.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL. Disponível em <<http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/acesso-a-agua-1/programa-cisternas>> Acesso em 19 de junho de 2018.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos**. Belo Horizonte: Scripta, 2004. (159-171 p.)

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar**. 2010 (p.11-24) Disponível em <<https://ufscdeutsch2010.files.wordpress.com/2010/10/nps156.pdf>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2018.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Pesquisa Interpetativista em Linguística Aplicada: A Linguagem como condição e solução(1)**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol. 10, D.L.T.A nº 2. 1994.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Afinal, o que é linguística aplicada? In.: _____. **Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 1996 (p. 17-25). (Coleção letramento, educação e sociedade)

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica. In.: _____. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 (p. 13-27).

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. II Ciclo de diálogos em Linguística Aplicada <<https://www.youtube.com/watch?v=bWFAkLwTMM8>> Acesso em 08 de Fevereiro de 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BAYNHAM, M. **Meaning mailing in te periphery**. Revista Aila, Inglaterra, v. 30, 2017.

MOLION, Luiz Carlos. A seca em Alagoas. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?time_continue=611&v=gfP-UQ8ie_s>. Acesso em 24 de novembro de 2017.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar, repensar o pensamento**. Tradução Eloá jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. (105-171 p.)

MONITOR DE SECAS ABRIL/2018. Monitor de secas do Nordeste do Brasil. Disponível em <<http://msne.funceme.br/map/mapa-monitor/analise/158>> Acesso em 19 de maio de 2018.

MONITOR DE SECAS EM ABRIL E MAIO/2017. Disponível em www.semarh.al.gov.br Acesso em 07 de Fevereiro de 2020.

O QUINZE: TRAVESSIA. Jornal Nacional: 2015. Duração 7 min. e 14 seg. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4706253/> Acesso em 21 de março de 2017. (2 parte)

O QUINZE: TRAVESSIA. Jornal Nacional: 2015. Duração 8 min. 35 seg. <http://g1.globo.com/ceara/bom-dia-ce/videos/v/acompanhe-ultima-parte-da-serie-especial-o-quinze-travessia/4709148/> Acesso em 21 de março de 2017. (3 parte)

O QUINZE: TRAVESSIA. Jornal Nacional: 2015. Duração 9 min. 51 seg. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4704081/> Acesso em 21 de março de 2017. (1 parte)

PARA CONHECER UM POUCO DAS CARACTERÍSTICAS DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. Olhos do Sertão. Disponível em <<http://olhosdosertao.blogspot.com/2010/05/para-conhecer-um-pouco-das.html>> Acesso em 22 de maio de 2018.

PRODUTORES DO SERTÃO DE ALAGOAS PROCURAM ALTERNATIVAS EM MEIO A SECA. Alagoas Rural: Duração 3 min. e 21 seg. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=oPIDxMeXM0M>> Acesso em 16 de abril de 2018.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. Os gêneros integram práticas sociais situadas. In.: ROJO, Roxane BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermordenidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. (p. 53-79)

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Do Dialogismo Bakhtiano: Interdiscurso e intertextualidade**/ Ismar Inácio dos Santos Filho, Arapiraca, 2012.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **100 anos do Curso de Linguística de Linguística Geral: na construção da linguística, “diálogos” com Saussure**. Universidade Federal de Alagoas: *Campus do Sertão*, 2017.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Leitura e Produção de Texto IV**. 1 ed. Natal: EDUFRN, 2016.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. A crítica ao estruturalismo e ao formalismo, a enunciação concreta: Bakhtin/Volochinov. In.: _____ **Fundamentos da Linguística II**. Maceió, 2012. p. 40-54.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHISTEK, Haroldo. O desconhecimento da caatinga e o mito da seca. In: **Biomás brasileiros e as teias da vida**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, nº 500, 03, 2017.

SEMIÁRIDO BRASILEIRO ULTRAPASSA 23,5 MILHÕES DE HABITANTES. Governo do Brasil. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2014/09/semi-arido-brasileiro-ultrapassa-23-5-milhoes-de-habitantes>>. Acesso em 27 de maio de 2018.

SERTÃO. Toda Matéria. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/sertao/>> Acesso em 27 de maio de 2018.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em linguística aplicada. In.: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 99-110.

WILHITE, Donald (prefácio). **Secas no Brasil: política e gestão proativas**. DE NYS, E.; ENGLE, N.L.; MAGALHÃES, A.R (orgs.) Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos- CGEE; Banco Mundial, 2016. (15-16 p.)

ZONAS TÉRMICAS DO PLANETA TERRA. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/zonas-termicas-da-terra-polares-temperadas-e-tropical/>> Acesso em 26 de maio de 2018.